

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
CURSO DE JORNALISMO

TALITA STEFANI LORENZETTI

**JORNALISMO DOCUMENTAL EM PODCAST: ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DO
CASO EVANDRO, A QUARTA TEMPORADA DO PROJETO HUMANOS**

Porto Alegre
2020

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
CURSO DE JORNALISMO

TALITA STEFANI LORENZETTI

JORNALISMO DOCUMENTAL EM PODCAST:
ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DO CASO EVANDRO, A QUARTA TEMPORADA DO
PROJETO HUMANOS

Porto Alegre

2020

TALITA STEFANI LORENZETTI

JORNALISMO DOCUMENTAL EM PODCAST:
ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DO CASO EVANDRO, A QUARTA TEMPORADA DO
PROJETO HUMANOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Me. Tércio Saccol

Porto Alegre

2020

JORNALISMO DOCUMENTAL EM PODCAST:
ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DO CASO EVANDRO, A QUARTA TEMPORADA DO
PROJETO HUMANOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Filipe Pereira Gamba

Prof. Dra. Magda Rodrigues da Cunha

Prof. Me. (Orientador) Tércio Saccol

Porto Alegre

2020

AGRADECIMENTOS

Não se é nada sozinho. Falo isso com convicção porque sei que nesta caminhada eu não caminhei sozinha. Não fosse as vibrações positivas, unidas a todo esforço e dedicação nada disso estaria acontecendo. Por este motivo, inicio agradecendo meus pais Juarez e Adriana Lorenzetti que, embora contra vontade, aceitaram as minhas escolhas e estiveram ao meu lado em todos os momentos. Obrigada pelo empenho e dedicação. O amor incondicional de vocês foi o meu maior suporte.

Gratidão ao meu irmão Jian Lorenzetti, o maior combustível dessa jornada. Aquele que esteve ao meu lado, apoiou minhas decisões e que, tenho certeza, tem muito orgulho da pessoa que eu me tornei – assim como eu tenho orgulho do homem que ele é. Minha irmã, Bianca, que mesmo tão pequenina ensinou e amparou a todos a cada partida minha. Meu tio Luciano Bittencourt e sua esposa Elis da Rosa por terem me acolhido em sua casa, me apoiado nos primeiros momentos em Porto Alegre e em todos os outros. João Remor, por ter vivido todo esse momento comigo e ter me consolado nos momentos de saudade de casa. A outras pessoas tão especiais como Suelen, Jacson, Matheus, Senhorinha, Vandir, Luana, Sandra: obrigada sempre por vibrarem por cada conquista e vitória. Minha amiga Júlia Voievoda, por ser tanto e tudo nessa jornada.

Aos meus professores tão queridos que sempre insistiram para que eu não desistisse dos meus objetivos: Ana Cecilia Bisso Nunes, Camila Garcia Kieling, Claudio Mercio, Cristine Finger, Fabian Chelkanoff Thier, Fabio Canatta, Fernanda Cristine Vasconcellos da Silva, Ivone Maria Cassol, Karen Sica, Magda Cunha, Marcelo Crispim da Fontoura e Moreno Osorio.

Ao meu professor, mestre e orientador, Tércio Saccol. Não tenho dúvidas que esta monografia não seria possível sem ti. Obrigada por ter sido um grande amigo nesta jornada, por ter me inspirado e me ajudado a acreditar em mim e nos meus valores. Tão incansável, nunca mediu esforços para ajudar a todos. Tércio, tua vantagem é ter o coração deste tamanho, que só pode ser de elástico. Obrigada por ter me apresentado o Projeto Humanos e tudo que eu sei sobre radiojornalismo e sobre a vida.

Aproveito para estender meu agradecimento a um super parceiro da jornada: Filipe Gamba. Obrigada por ter dividido comigo o microfone da Rádio Gaúcha e ter me ensinado tanto. Tenho

muito orgulho de dizer que tu foste minha inspiração desde sempre. Gratidão por estar ao meu lado e ter se tornado um grande amigo.

Agradeço também aos melhores amigos que a Famecos me deu e que, literalmente, dividiram risos e lágrimas comigo: Bárbara Macedo, Bárbara Cepeda, Cindy Abreu, Eduarda Martins, Eduardo Espindola, Helena Marcellino, Ísis Falcão, Mariana Naiditch, Jonatha Branco e Sarah Hoffmeister.

Fecho esses agradecimentos com uma frase de quem mais me inspirou em todo esse período: "Gratidão por estarmos aqui e por termos uma alma capaz de detectar o sublime no essencial, fazendo com que todo o supérfluo, que não é errado desejar e obter, torne-se apenas uma consequência agradável desse nosso olhar íntimo e amoroso a tudo o que nos cerca" – Martha Medeiros.

A todos que participaram desse momento, minha eterna gratidão.

Vida é o que existe entre o nascimento e a morte. O que acontece no meio é o que importa. [...] No meio, a gente descobre que reconhecer um problema é o primeiro passo para resolvê-lo. [...] Que todas as escolhas geram dívida - todas. Que depois de lutar pelo direito de ser diferente, chega a bendita hora de se permitir a indiferença. (Martha Medeiros)

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar quais as características presentes no Caso Evandro e se este pode ser considerado um radiodocumentário. O objeto de estudo desta pesquisa foi a quarta temporada do Projeto Humanos, um podcast documental sobre o desaparecimento e assassinato de Evandro Ramos Caetano, de apenas seis anos de idade, ocorrido em 6 de abril 1992, em Guaratuba, no litoral do Paraná. Para a compreensão das características presentes na narrativa, a autora explica o processo de ascensão dos podcasts, os formatos mais produzidos e consumidos, quais as convergências e divergências do radiojornalismo e podcast, o desaparecimento dos documentários radiofônicos para enfim, chegarmos na análise específica dos elementos do enredo. O enfoque deste trabalho é entender de que forma a trama é construída, quais os elementos narrativos são utilizados, como a edição é feita e como podemos definir o formato deste produto. Para isso, é feita uma análise de cinco episódios do Caso Evandro a partir de alguns aspectos como fontes, apuração, edição, uso de trilhas de sonoras e espaços de opinião. O referencial teórico deste trabalho inclui, entre outras, as obras de Ferraretto (2000) e Barbosa Filho (2003), que abordam aspectos teóricos do radiojornalismo, formatos e gêneros, Adifa (2019), Palacios e Terenzzo (2016), Cunha e Mantello (2014) e Xavier (2015), que propõem um debate sobre as ferramentas do *storytelling*, Lopes (2015), para tratar sobre o fenômeno dos podcasts, e José (2003), que levanta questões sobre os elementos fundamentais na construção do radiodocumentário. A autora concluiu que o Caso Evandro é um documentário radiofônico e que, embora a “contação de histórias” não seja de fato feita pelo *host* do podcast, a narrativa apresenta elementos de *storytelling* capazes de instigar e envolver a audiência a continuar consumindo.

Palavras-chave: Radiojornalismo. Podcast. Rádio. Jornalismo Documental. Projeto Humanos. Caso Evandro. *Storytelling*. Radiodocumentário.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze the characteristics present in the Evandro Case and whether it can be considered a radio documentary. The object of study of this research was the fourth season of the Human Project, a documentary podcast about the disappearance and murder of Evandro Ramos Caetano, only six years old, which took place on April 6, 1992, in Guaratuba, on the coast of Paraná. In order to understand the characteristics present in the narrative, the author explains the ascension process of podcasts, the most produced and consumed formats, what are the convergences and divergences of radio journalism and podcast, the disappearance of radio documentaries, finally, we arrive at the specific analysis of the elements of the plot. The focus of this work is to understand how the plot is constructed, which narrative elements are used, how the editing is done and how we can define the format of this product. For this, an analysis of five episodes of the Evandro Case is made from some aspects such as sources, investigation, editing, use of soundtracks and spaces of opinion. The theoretical framework of this work includes, among others, the works of Ferraretto (2000) and Barbosa Filho (2003), which address theoretical aspects of radio journalism, formats and genres, Adifa (2019), Palacios and Terenzio (2016), Cunha and Mantello (2014) and Xavier (2015), who propose a debate on the tools of storytelling, Lopes (2015), to address the phenomenon of podcasts, and José (2003), who raises questions about the fundamental elements in the construction of the radio documentary. The author concluded that the Evandro Case is a radio documentary and that, although the “storytelling” is not actually done by the podcast's host, the narrative presents elements of storytelling capable of instigating and involving the audience to continue consuming.

Keywords: Radiojournalism. Podcast. Radio. Documentary Journalism. Human Project. Evandro case. Storytelling. Radio documentary.

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 01 — Características do rádio e podcast.....	19
Quadro 02 — Categorização da análise de conteúdo.....	41
Quadro 03 — Fontes do episódio 06.....	46
Quadro 04 — Fonte de apuração do episódio 06.....	47
Quadro 05 — Mapa de edição do sexto episódio.....	49
Quadro 06 — Os espaços de opinião no sexto episódio.....	50
Quadro 07 — Fontes do episódio 12.....	52
Quadro 08 — Fontes de apuração do episódio 12.....	53
Quadro 09 — Mapa de edição do décimo segundo episódio.....	54
Quadro 10 — Os espaços de opinião do décimo segundo episódio.....	55
Quadro 11 — Fontes do episódio 16.....	57
Quadro 12 — Fontes de apuração do episódio 16.....	58
Quadro 13 — Mapa de edição do décimo sexto episódio.....	60
Quadro 14 — Os espaços de opinião no décimo sexto episódio.....	62
Quadro 15 — Fontes do episódio 24.....	64
Quadro 16 — Fontes de apuração do episódio 24.....	64
Quadro 17 — Mapa de edição do vigésimo quarto episódio.....	65
Quadro 18 — Os espaços de opinião no vigésimo quarto episódio.....	67
Quadro 19 — Fontes do episódio 25.....	68
Quadro 20 — Fontes de apuração do episódio 25.....	69
Quadro 21 — Mapa de edição do vigésimo quinto episódio.....	71
Quadro 22 — Os espaços de opinião no vigésimo quinto episódio.....	72
Quadro 23 — Espaços de contextualização geral dos episódios.....	75
Quadro 24 — Percentuais de utilização de arquivos documentais, jornalísticos e exclusivos...	76
Quadro 25 — Espaços de opinião geral nos episódios.....	76

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 NOVAS PLATAFORMAS E PODCASTS.....	14
2.1 PODCASTS.....	14
2.2. PODCAST E RÁDIO.....	18
2.2.1 Divergências entre o podcast e o rádio.....	20
2.2.2 Convergências entre o podcast e o rádio.....	21
2.3 PODCASTS NO BRASIL.....	23
2.4 OS FORMATOS E TIPOS DE PODCAST.....	24
3 DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO E <i>STORYTELLING</i>.....	26
3.1 OS GÊNEROS RADIOFÔNICOS E O RADIODOCUMENTÁRIO.....	27
3.1.1 As diferenças e semelhanças entre o documentário radiofônico e a reportagem especial.....	31
3.2 <i>STORYTELLING</i> : UMA NOVA POSSIBILIDADE DE NARRATIVA.....	33
4 ANÁLISE DO PODCAST "CASO EVANDRO" DO PROJETO HUMANOS.....	38
4.1 O PODCAST PROJETO HUMANOS.....	38
4.1.1 O Caso Evandro.....	39
4.2 A METODOLOGIA.....	40
4.3 OS EPISÓDIOS ESCOLHIDOS PARA ANÁLISE.....	42
4.3.1 O episódio 06.....	42
4.3.2 O episódio 12.....	42
4.3.3 O episódio 16.....	43
4.3.4 O episódio 24.....	43
4.3.5 O episódio 25.....	44
4.4 A ANÁLISE CATEGORIAL DOS EPISÓDIOS SELECIONADOS.....	45
4.4.1 Episódio 06: fontes e edição.....	45
4.4.1.1 As fontes do episódio 06.....	46
4.4.1.2 Fontes de apuração do episódio 06.....	47
4.4.1.3 Mapa de edição do episódio 06.....	48

4.4.1.4 A opinião no episódio 06.....	50
4.4.1.5 Trilhas e efeitos sonoros do episódio 06.....	51
4.4.2 Episódio 12: fontes e edição.....	52
4.4.2.1 As fontes do episódio 12.....	52
4.4.2.2 Fontes de apuração do episódio 12.....	53
4.4.2.3 Mapa de edição do episódio 12.....	54
4.4.2.4 A opinião no episódio 12.....	55
4.4.2.5 Trilhas e efeitos sonoros do episódio 12.....	56
4.4.3 Episódio 16: fontes e edição.....	57
4.4.3.1 As fontes do episódio 16.....	57
4.4.3.2 Fontes de apuração do episódio 16.....	58
4.4.3.3 Mapa de edição do episódio 16.....	59
4.4.3.4 A opinião no episódio 16.....	61
4.4.3.5 Trilhas e efeitos sonoros no episódio 16.....	62
4.4.4 Episódio 24: fontes e edição.....	63
4.4.4.1 As fontes do episódio 24.....	63
4.4.4.2 Fontes de apuração do episódio 24.....	64
4.4.4.3 Mapa de edição do episódio 24.....	65
4.4.4.4 A opinião no episódio 24.....	66
4.4.4.5 Trilhas e efeitos sonoros do episódio 24.....	67
4.4.5 Episódio 35: fontes e edição.....	68
4.4.5.1 As fontes do episódio 25.....	68
4.4.5.2 Fontes de apuração do episódio 25.....	69
4.4.5.3 Mapa de edição do episódio 25.....	70
4.4.5.4 A opinião no episódio 25.....	72
4.4.5.5 Trilhas e efeitos sonoros do episódio 25.....	73
4.5 O QUE OS DADOS NOS PERMITEM INFERIR.....	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXOS.....	84

1 INTRODUÇÃO

A multiplicidade de conteúdos jornalísticos dispostos a partir de mídias tradicionais trouxe à tona um produto que vive um processo de ascensão no mundo todo. Os podcasts, plataformas sonoras produzidas por demanda e disponibilizadas para consumo e download na internet, mostraram um largo potencial em abranger diversos temas de forma simples, sem necessitar exclusivamente de grandes produções e estruturas físicas como as de veículos tradicionais.

Este fenômeno tem levantado debates acerca do formato ideal para a construção de produtos de qualidade e de que forma os conteúdos dispostos nestes convergem com uma das mídias mais tradicionais e ainda muito consumida pelo público: o rádio. Embora os podcasts sejam algo recente ainda há muitas dúvidas em relação a linguagem e características específicas desta mídia, mas em muitos casos é possível verificar resquícios do rádio.

Ainda referente ao rádio, é possível notar que as formas de produção também mudaram. A falta de recursos e investimentos e o consumo de informações rápidas e factuais fizeram com que conteúdos de narrativas em profundidade fossem substituídos por programas mais reduzidos, dinâmicos e sucintos. Os radiodocumentários, tão comuns nas rádios culturais, educativas e públicas no final dos anos 20, foram perdendo espaço nas emissoras brasileiras, abrindo uma lacuna na produção de conteúdos de profundidade. Enquanto este formato cessou, as reportagens especiais – que apresentam algumas semelhanças – continuam nas mídias tradicionais, porém em menor escala.

A partir da necessidade de se produzir produtos jornalísticos de uma forma mais atrativa, algumas técnicas passaram a ser utilizadas para aprimorar as estruturas narrativas. O *storytelling*, ferramenta bastante comum nos Estados Unidos, passou a ser empregada para narrar fatos como se fossem histórias, salientando descrições de locais e cenas e evidenciando personagens. O principal objetivo deste mecanismo é despertar diferentes sensações na audiência, fazendo com que ela se mantenha convencida a prosseguir consumindo.

O presente trabalho irá versar sobre o maior podcast documental do Brasil, visto seu crescente sucesso nos últimos tempos e pelo fato de ter ultrapassado a marca de 4 milhões de downloads, dando origem a novos produtos, como uma série, a ser veiculada na Globo ainda em

2020. A análise do podcast Caso Evandro, a quarta temporada do Projeto Humanos, um produto que utiliza as técnicas de *storytelling*, visa entender as características presentes na narrativa a partir de alguns aspectos como fontes, apuração, edição, uso de trilhas de sonoras e espaços de opinião.

Embora Ivan Mizanzuk, criador do Projeto Humanos, defina o produto como um podcast de narrativa *storytelling*, um dos objetivos desta monografia é compreender em que formato jornalísticos – se é algo jornalístico – o podcast se encaixa: se é um radiodocumentário ou apenas um resgate de conteúdos disponíveis que depende de edição e tratamento minucioso.

Durante o desenvolvimento deste trabalho nos deparamos com a ausência de conteúdos publicados e teóricos de jornalismo em profundidade em mídia sonora, por isso é de extrema relevância que analisemos este, que se tornou popular por reviver esta temática e ressignificar a ideia de documentários radiofônicos e radionovelas – agora em outras plataformas.

Vale ressaltar que para esta análise foram determinadas as seguintes categorias para que chegássemos a uma conclusão em relação as características predominantes em uma amostragem dos episódios: fontes e formas de apuração, mapa de edição – englobando os tempos destinados a cada fonte e material –, espaços de opinião do *host* do podcast e uso de trilhas e efeitos sonoros. Pela infinidade de questões a serem avaliadas, levaremos em consideração somente estes critérios para analisarmos a quarta temporada do Projeto Humanos.

2 NOVAS PLATAFORMAS E PODCASTS

Os fenômenos midiáticos sempre surgem para desafiar as nossas percepções no que dizem respeito às formas de consumo de informações. A difusão da Internet como um suporte de fácil acesso permitiu novas maneiras de construir notícias e alcançar amplos públicos. Neste cenário, novas mídias passaram a representar a infinidade de opções de consumo, desencadeando modernas e inovadoras técnicas jornalísticas e, por consequência, novos produtos.

Primo (2005, p. 2) assinala que mesmo após tantas previsões frustradas de "morte" do rádio – uma das formas de comunicação mais importantes do nosso tempo – esse meio continuou se reinventando e buscando novos significados. Em paralelo, outros produtos surgiram como novos processos midiáticos, oferecendo formas particulares de interação e de consumo herdando as características de um meio já existente. É o caso dos podcasts, arquivos em áudio produzidos em demanda e disponibilizados na Web. Diversos motivos concedem popularidade a essa mídia, como a possibilidade de produzir um conteúdo que não é abrangido por outros grupos de comunicação, a viabilidade de poder escolher quando e onde ouvir estes arquivos, entre outras questões que veremos adiante.

Como é um tema recente e o termo ainda é pouco explorado cientificamente, para fins deste trabalho trataremos podcasts como produtos especificamente produzidos para o meio digital. Isso quer dizer que são programas pensados e elaborados para fins na web, excluindo aqueles que são distribuídos por meio de ondas eletromagnéticas (radiodifusão ou webrádio) e recuperados para hospedagem na web.

2.1 PODCASTS

É perceptível o quanto o processo de criação de novas mídias reconfigurou a relação de consumo do jornalismo. Só nas últimas décadas a internet multiplicou a quantidade de produtos jornalísticos dispostos na Web e a comunicação se tornou uma grande rede que agrega, produz e cria novos significados. Essas mudanças provocaram novas perspectivas para enxergar os acontecimentos e compreender que o contexto jornalístico atual é composto por indivíduos atuantes que captam e geram conteúdos a todo momento e que engrenaram novas formas de informar as situações cotidianas.

Para Herschmann e Kischinhevsky (2007, p. 5), a comunicação não se resume somente às mídias tradicionais, mesmo que elas ainda possuam um grande caráter simbólico no imaginário social; cada vez mais ela se ajusta em um grande ambiente em que todos nós estamos inseridos. E com todas essas alterações, a audiência passou de mera receptora de conteúdo para componente participativo e colaborativo da comunicação.

No entanto, mesmo com a infinidade de novos produtos, vivemos um momento de mobilidade e o papel dos veículos tradicionais ainda é relevante. Segundo um levantamento de hábitos de consumo de mídia¹, realizado em 2018 pela DataSebrae, dos 4.365 entrevistados, 44% escutam rádio todos os dias e 62% normalmente assistem televisão diariamente. Observa-se que mesmo com a difusão da internet em todo o Brasil, os veículos de comunicação de massa ainda são consumidos com frequência pela audiência.

Contudo, novas formas de gerar e consumir conteúdo tem fortalecido uma prática que possibilita o crescimento de consumo de mídias que coexistem com as características das tradicionais. O rádio, a televisão e o jornal impresso não deixaram de existir, somente foram tomados por um fenômeno que pode reunir todos em uma "blogosfera"², que por conta da praticidade, informalidade, espontaneidade e interatividade "têm levado legiões de internautas a decidir gerar e distribuir seu próprio conteúdo, disponibilizado em *blogs*, *fotologs*, *audiologs* e *videologs* abertos à visitação pública" (CASTRO, 2005, p. 9).

O rápido crescimento deste tipo de prática parece apontar para um certo esgotamento de formas mais tradicionais e lineares de comunicação através do clássico esquema um → muitos. A descentralidade da rede costuma ser apontada como um dos seus principais diferenciais em relação a outras mídias. (CASTRO, 2005, p. 9)

Entre todos os produtos que fazem parte dessa "blogosfera" que engloba diversas possibilidades, destaca-se aqui os podcasts³, uma prática que vive um período de ascensão no mundo e que vem ganhando a preferência de públicos que buscam por conteúdo de nicho. Os podcasts podem ser definidos como arquivos gravados em áudio e disponibilizados no meio digital sob demanda. Inicialmente, o que nasceu como uma forma de sequenciar as músicas prediletas do interesse de uma determinada audiência e que se limitava a criar trilhas sonoras, acabou se tornando

¹ Disponível em: <https://datasebrae.com.br/habitos-de-consumo-de-midia/>. Acesso em 25 mar. 2020.

² Termo coletivo que compreende todos os weblogs (ou blogs) como uma comunidade ou rede social.

³ Disponível em: <https://uaiz.opopular.com.br/podcast-em-ascensao-reproducao-cresce-200-no-spotify>. Acesso em 22 mar. 2020.

uma nova forma de expressão com o potencial de gerar debates e reflexões sobre diversos assuntos como política, empreendedorismo, humor, tecnologia, games, educação, além de conteúdos jornalísticos.

O termo, que surgiu em meados de 2004, creditado a Adam Curry, criador do primeiro agregador de podcast no mundo, nasceu da união do prefixo "*pod*", proveniente de iPod (tocador de mídia da Apple), com o sufixo "*cast*", da expressão "*broadcasting*", método de transmissão de mensagens por meio de ondas eletromagnéticas, conhecido como radiodifusão.

O que permitiu que os podcasters⁴ postassem, baixassem e acompanhassem em tempo real as atualizações e comentários do conteúdo publicado foi a tecnologia feed RSS (*Really Simple Syndication*), que já era utilizada em blogs e que foi um grande aliado no sucesso dos podcasts no meio digital.

O RSS é uma maneira de relacionar o conteúdo de um blog de forma que seja entendido pelos agregadores de conteúdo. Isso é possibilitado através dos chamados "feeds", que trazem o conteúdo do blog codificado de maneira que esses programas compreendam e possam apresentar as atualizações automaticamente para os usuários que cadastraram o feed de seus blogs preferidos. Com isso, o usuário recebe cada novo conteúdo automaticamente, não precisando mais visitar cada site para ver se já foi atualizado. (ASSIS; LUIZ, 2010, p. 2-3)

No entanto, a podosferas só entrou em uma crescente depois do chamado "*podfade*", ainda em 2005 e que se estendeu até 2006, que ocasionou no fim de vários podcasts no Brasil e no mundo por diversos motivos, entre eles, a falta de engajamento da indústria publicitária no financiamento e patrocínio destes conteúdos, além da não-adesão das grandes empresas de mídia na produção de podcasts.

Com a ascensão após esse período, os programas em áudio receberam novos agregadores de download e reprodutores de mídia mais modernos e tecnológicos. Aliado a esse crescimento, alguns pesquisadores passaram a observar esses materiais com maior atenção e compreender as características que tornam esse conteúdo autêntico e atraente aos ouvintes. Pela definição de Barbosa (2015), podcast é:

Um programa em áudio cujos episódios são disponibilizados para download ou reprodução com determinada periodicidade, e podem ser escutados em qualquer aparelho, a qualquer momento. Ou seja, na era do consumidor ativo, é um conteúdo de natureza sob demanda. (p. 4)

O podcaster britânico Ben Green define podcast muito semelhante a Barbosa como um

⁴ Autor de um podcast.

⁵ Toda a esfera relacionada aos podcasts.

arquivo de áudio digital disponível na internet para download, "normalmente disponível em série, cujas novas parcelas podem ser recebidas automaticamente pelos assinantes" (GREEN, 2015, p. 4, TRADUÇÃO NOSSA). Geoghegan e Klass (2007) interpretam o termo de forma menos científica:

O podcasting é uma das tecnologias mais emocionantes e maravilhosamente perturbadoras que surgiram na história recente. O podcasting é empolgante porque qualquer pessoa pode se envolver, se expressar, trocar ideias ou apresentar seus produtos. Quaisquer que sejam os interesses das pessoas, há um lugar para elas no podcasting. O podcasting é perturbador porque, como qualquer nova tecnologia que vale a pena, o podcasting quebra todas as regras. Você pode fazer um podcast sobre utensílios de cozinha retrô? Certo. Pode demorar um minuto? Claro. Pode demorar uma hora? Se você quiser. Podcasting coloca o poder de se comunicar nas mãos dos indivíduos. Milhares de pessoas já estão envolvidas, cada uma tão única quanto seu podcast. (GEOGHEGAN; KLASS, 2007, p. 1, TRADUÇÃO NOSSA)

Freire (2015) explica que há algumas características que são obrigatórias para que a existência de um podcast seja viável: a presença de um *feed* RSS, disponibilização pela internet, gravação que permite download e que possa ser ouvida em diversos dispositivos (celular, computador etc), não ser uma transmissão ao vivo, ter a possibilidade de ser escutada em outros momentos e ter uma certa frequência (p. 57).

O que propicia o crescimento vertiginoso do consumo dos podcasts é a ausência de regras rígidas (HERSCHMANN; KISCHINEVSKY, 2007). Não há normas de locução e nem elementos obrigatórios de linguagem para a produção dos conteúdos em áudio, mas sim a adoção de técnicas que funcionem naquela narrativa específica e que se comuniquem com a audiência segmentada. O que possibilita o crescimento desses conteúdos em larga escala é que não é preciso ter um grande conhecimento técnico e altos investimentos, visto que muitos podcasts são produzidos de forma caseira, com aparelhos comuns e com edições básicas que podem ser feitas em softwares acessíveis que suprem essa necessidade, como o *Audacity*⁶, por exemplo.

A falta de um padrão a ser seguido é o que torna o podcast ainda mais autêntico e original, no entanto, há outras características marcantes nestes produtos em áudio. A flexibilidade deste conteúdo sob demanda, ou seja, as diversas possibilidades e combinações, a interatividade e engajamento com o público e a portabilidade são fundamentais na crescente ascensão dos podcasts no Brasil e no mundo. Assis (2014, p. 65) explica que a base do podcast está na tecnologia do feed

⁶ Software livre de edição digital de áudio disponível principalmente nas plataformas: Windows, Linux e Mac e ainda em outros Sistemas Operacionais. Disponível em: audacity.sourceforge.net

(agregador desses conteúdos).

As principais características e potencialidades dessa mídia acabam se relacionando à tecnologia que permite sua transmissão. Uma dessas características é sua atemporalidade, ou seja, um mesmo programa em formato de MP3 distribuído via podcasting continua disponível para acesso enquanto o feed e o arquivo estiverem hospedados na internet [...] Além disso, como o usuário baixa e salva o programa, ele pode ouvir quando quiser e quantas vezes quiser, e não é limitado a horários ou programações de terceiros ou dos produtores.

No que tange à produção de informação, os podcasts conquistaram um grande espaço e mostraram as potencialidades que essa mídia possui. No entanto, por mais que recente, além do fato de ambas transmitirem informações via arquivo de áudio, é comum encontrarmos resquícios de linguagem, formato e edição semelhantes ao rádio.

2.2 PODCAST E RÁDIO

Em meio às diversas dinâmicas de comunicação, o rádio ainda permanece como protagonista. Segundo ao último levantamento brasileiro de consumo de mídia, realizado em 2016, três em cada dez entrevistados mencionaram o rádio como o primeiro ou segundo meio mais utilizado para se informar. Sessenta e seis por cento declararam ouvir rádio pelo menos uma vez por semana e 35% assinalaram escutar o meio em todos os dias da semana.

No Brasil, a primeira transmissão radiofônica aconteceu durante a festa de Centenário da Independência, em 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro. Embora tenha provocado uma grande expectativa na audiência, o projeto do rádio no Brasil só se consolidou com a radiodifusão, em 1923, quando Roquette Pinto e Henry Morize impuseram à Rádio Sociedade do Rio uma característica educativa (FERRARETTO, 2000).

No início, o rádio era um produto consumido somente pela elite: além dos altos valores dos aparelhos, o conteúdo se destinava somente a uma parcela intelectual da sociedade. As primeiras mudanças surgiram somente 8 anos depois da autorização de inserções publicitárias e com o desenvolvimento do primeiro documento sobre radiodifusão, definindo-a como um serviço de interesse nacional e função educativa. Contudo, foi apenas em 1941, com a estreia do Repórter

Esso⁷, que a radiodifusão começou a se definir mais claramente para o jornalismo.

Segundo Mcleish (apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 44), o rádio possui pelo menos 19 características, entre elas: construção de imagens, capacidade de falar para milhões de pessoas, e/ou para cada indivíduo, velocidade, caráter transfronteiriço, simplicidade, baixo custo, efemeridade, música, surpresa e interferência.

Barbosa Filho (2003), em sua obra *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*, elenca 11 características essenciais que o rádio incorpora: sensorialidade (a forma com que a voz desperta a imaginação do ouvinte e a criação de imagens mentais), alcance da audiência, regionalismo (a visibilidade que o rádio dá à informações locais), intimidade (com o tom íntimo, representado por expressões como "amigo ouvinte"), imediatismo e instantaneidade, simplicidade, mobilidade, acessibilidade, baixos custos, função social e comunitária.

A partir dessas premissas conseguimos encontrar um eco de algumas características na plataforma podcast, no entanto, não podemos ignorar que ela está constituindo uma identidade própria, como verificamos na distinção analisada no quadro a seguir.

Quadro 01 — Características do rádio e podcast

	Podcast	Rádio
Temporalidade	Atemporal	Temporal
Mídia de:	Em maior parte de nicho	Em maior parte de massa
Hospedagem	Totalmente digital	Tem conteúdos hospedados na internet
Características de temporalidade	Possibilidade maior de profundidade	Imediatismo + profundidade em alguns assuntos
Acessibilidade	Acessível somente pela internet	Acessível somente até os locais onde as ondas eletromagnéticas são alcançadas
Distribuição	Agregadores online	Ondas eletromagnéticas
Processo produtivo	Pode ser produzido por uma única pessoa com computador equipado com microfone e agregador RSS	Divisão de trabalho compartilhada
Consumo	Conteúdo não "se perde" assim que a transmissão seja finalizada	Conteúdos são consumidos sincronicamente com a transmissão

7 Primeiro noticiário de radiojornalismo do Brasil que não se limitava a ler as notícias recortadas dos jornais, pois as matérias eram enviadas por uma agência internacional de notícias sob o controle dos Estados Unidos. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Repórter_Esso. Acesso em 25 mar. 2020.

Etapas de produção	Produção, gravação, edição, publicação e distribuição	Produção, apresentação e locução e distribuição simultânea
Elementos de narrativa	Voz, música efeitos sonoros, silêncio	Voz, música, efeitos sonoros, silêncio e mensagem

Fonte: Assis, 2010; Barbosa Filho, 2003; Ferraretto, 2000; Franco, 2009; Freire, 2015; Lopes, 2015; Meditsch, 1999; Ortriwano, 1985; Primo, 2005; Richman, Allison, 2016, apud Detoni, 2019; Vicente, 2018.

2.2.1 Divergências entre o podcast e o rádio

Com todas as mudanças no campo da comunicação (tanto de consumo, quanto de produção) não podemos mais interpretar o rádio como uma mídia analógica, já que, atualmente, há um grande conglomerado de programas de rádio via internet, as chamadas web rádios, que se apropriam do canal para publicar e agregar conteúdo para ser consumido exclusivamente na web. Para Assis (2014), "na prática, o que diferencia as web-rádios das rádios tradicionais é somente o canal ou meio de transmissão" (p. 73).

Assis explica que o podcast se difere dessas mídias porque o ouvinte é "ativo na hora de escolher e ouvir quando e como ele preferir – muitas vezes sem estar conectado à internet, algo imprescindível para se ouvir uma webradio" (p. 73). O autor ainda levanta outras questões que diferenciam as três mídias (radiodifusão tradicional, web rádio e podcast):

As transmissões de rádio dependem de horário e local. A radiodifusão tradicional depende de uma programação que segue um horário predefinido, acessível somente em locais onde as ondas eletromagnéticas são alcançadas, enquanto o streaming da web-rádio depende da mesma programação com horários certos e é acessível somente a pessoas com acesso à internet com capacidade de transmissão alta naquele momento. Dessa forma, o podcast se coloca – através do feed – já diferente do rádio, principalmente pela experiência de como se ouve aquela mídia. (ASSIS, 2014, p. 73)

Ser assíncrono, ou seja, não depender de um horário fixo para acontecer — nesse caso, consumir — é a base da distinção que baseia a popularidade do podcast. Franco (2009) afirma que ouvir um podcast não é como ouvir o rádio, em que nos perguntamos "o que está passando?", mas é uma ferramenta criativa que sinaliza que podemos ouvir o que queremos, na hora que queremos, não sendo necessário ouvir o conteúdo com linearidade e no momento em que ele é disponibilizado ou transmitido.

Imagine seu programa de rádio preferido. Infelizmente ele só é exibido uma vez por semana e justamente em um horário que você não pode ouvi-lo. E quando você

se mudou de cidade, nem mais a essa emissora tinha acesso. A internet ajudou a resolver um desses problemas: muitos rádios já apresentam sua programação online, na forma de web-rádio, eliminando assim a limitação de distância das transmissões das rádios hertzianas. Porém, esse modelo é restrito a uma certa tecnologia que, por mais libertadora que ela seja, ainda apresenta várias limitações. Agora, imagine poder ter a experiência auditiva de uma forma completamente diferente daquela que o rádio ou até mesmo a web-rádio pode oferecer. (ASSIS, 2014, p. 60)

Além da distribuição e hospedagem do conteúdo se dar de diferentes formas — na radiodifusão por meio das ondas eletromagnéticas e no podcast por meio de acesso à internet — as duas mídias se diferenciam também no perfil do ouvinte e na forma de consumo. Enquanto o podcast é uma mídia mais segmentada, de nicho, consumida por pessoas que já conhecem a ferramenta (LOPES, 2015, p. 74), o rádio é uma mídia de massa, mais universal:

Enquanto o broadcasting transmite o mesmo conteúdo a partir de uma central irradiadora para toda a massa, na rede o internauta deve ir buscar as informações que deseja. Essa é a diferença entre o que se convencionou chamar de tecnologias *push* (o conteúdo é “empurrado” até a audiência) e *pull* (o conteúdo é “puxado” pela audiência). (PRIMO, 2005, p. 12)

O foco dos podcasts se dá na segmentação dos conteúdos que convergem entre si. Por consequência, esses produtos atingem nichos de mercados muito específicos que, normalmente, não são abrangidos pela mídia tradicional, o que também permite maior aprofundamento nas questões em debate. Outra característica bastante significativa é a atemporalidade, visto que os programas continuam disponíveis durante todo o tempo que estiver hospedado na internet, permitindo que mais pessoas possam acessar, consumir e baixar.

Estas características são totalmente opostas da radiodifusão, visto que "a escuta se dá sincronicamente com a emissão do sinal" (PRIMO, 2005, p. 5), o que permite que os assuntos sejam tratados com maior "imediatismo", com linearidade e sequencialidade. No entanto, mesmo que o rádio não permita retroceder ou avançar a mensagem, nem procurar uma notícia já emitida — uma característica muito presente nos podcasts —, ele permite uma grande interatividade comunicativa (ROST, 2014, p. 56), visto que a opinião da audiência poder ser ouvida por uma simples chamada telefônica. "A rigor, os ouvintes de rádio sempre tiveram a possibilidade de enviar cartas, fazendo solicitações de música e sugestões. Em muitos programas podem até “entrar no ar” em um programa ao vivo através de ligação telefônica" (PRIMO, 2005, p. 17).

2.2.2 Convergências entre o podcast e o rádio

Existem algumas semelhanças entre o podcast e o rádio. Quanto a linguagem utilizada, ambos empregam os mesmos princípios, mesmo que um esteja na internet e outro nos aparelhos de rádio. De acordo com Ferraretto (2000), a linguagem radiofônica precisa englobar quatro elementos: a voz humana, música, efeitos sonoros e o silêncio, sendo cada um destes elementos, um atuante com características únicas na emissão da mensagem. O autor ainda afirma que a música, os efeitos sonoros e o silêncio agem no inconsciente do ouvinte, acentuando ou reduzindo diversos aspectos e servindo de pano de fundo compensatório na ausência das imagens. “Quem faz textos e comentários para o rádio escolhe as palavras de modo a criar as devidas imagens na mente do ouvinte e, assim fazendo, torna o assunto inteligível” (MCLEISH, 2001, apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 45).

Além dos quatro elementos comuns na linguagem, Ferraretto explica que existem seis fatores que condicionam a mensagem e o conteúdo, que pode se aplicar tanto para o rádio, quanto para o podcast: a capacidade auditiva do receptor, a linguagem radiofônica, a tecnologia de transmissão e recepção empregada, a fugacidade, os tipos de público e as formas de recepção (FERRARETTO, 2000, p. 25).

Mesmo que os podcasts possuam diversas formas e infinitas possibilidades de formatos e combinações, eles seguem uma rotina produtiva muito semelhante ao rádio. Lopes (2015, p.13) explica que há cinco etapas comuns necessárias na construção de um podcast: "produção, gravação, edição, publicação e distribuição". Tal rotina é muito semelhante ao rádio que segue menos etapas, mas que convergem entre si: produção, apresentação e locução/distribuição simultânea.

Enquanto os podcasts nasceram da possibilidade de criar conteúdo, de qualquer lugar, apenas com um computador equipado com microfone, as rádios sempre apresentaram estruturas físicas mais consolidadas: redação e estúdio, além de um quadro funcional composto por técnicos e operadores de áudio, produtores, secretárias (os), apresentadores/locutores, repórteres e até mesmo motoristas. Ainda que algumas empresas de mídia possuam essa estrutura, ela não é uma realidade comum em emissoras de cidades do interior. Hoje, podemos dizer que as estruturas de ambos podem se assemelhar em alguns casos — grandes podcasts, como o Mamilos⁸, da B9, produtora de podcasts, podem se aproximar da estrutura responsável pela produção dos podcasts

⁸ Podcast semanal que busca nas redes sociais os temas mais debatidos (polêmicos) e traz para mesa um aprofundamento do assunto. Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/>

da Folha de S. Paulo, por exemplo.

2.3 PODCAST NO BRASIL

A popularização da banda larga proporcionou um crescimento exponencial na produção, distribuição e consumo de conteúdos em áudio na internet. O marco dos podcasts no Brasil foi o sucesso do Nerdcast⁹, um dos pioneiros do movimento, surgido em 2006, e que até hoje lidera a audiência, tratando sobre ciência, games, literatura e tecnologia. Em 2019, o Nerdcast atingiu a marca de 1 bilhão de downloads, sendo o primeiro produto a alcançar este número no país e o terceiro a nível mundial, atrás de *You Should Know* e *The Daily*, do *New York Times*.

Seguindo essa tendência, veículos de imprensa tradicionais passaram a disponibilizar podcasts em seus sites. É o caso do Jornalismo da Globo, que em agosto de 2019 passou a oferecer estes serviços diariamente. O primeiro deles foi O Assunto, ancorado pela jornalista Renata Lo Prete e que trata sobre os principais assuntos do momento, de segunda a sexta-feira. Outros como Papo de Política, Isso é Fantástico e Bem Estar também estão no escopo da emissora.

No entanto, antes mesmo da Globo, o jornal Folha de S. Paulo e a Revista Piauí reconheceram o potencial desses novos produtos e produziram importantes conteúdos em 2018. Ao longo de 29 episódios, a Folha apresentou, em ordem cronológica, a história dos presidentes brasileiros desde Deodoro da Fonseca (1889-1891) até o atual presidente Jair Bolsonaro. Inspirada na série *Presidential* do The Washington Post, produzida em 2016, em menos de 6 meses o podcast "Presidentes da Semana" ultrapassou a marca de 1 milhão de downloads.

A Revista Piauí seguiu uma trajetória semelhante da Folha e produziu o Foro de Teresina, um podcast semanal de política no estilo mesa-redonda, onde o bate-papo sobre um assunto atual preenche a uma hora de duração do programa.

De acordo com um levantamento realizado pela plataforma Deezer, utilizando dados de streaming como Spotify, Apple iTunes e Google Podcasts, os programas sob demanda tiveram um crescimento de consumo de 67% em 2019¹⁰. A pesquisa ainda aponta que os brasileiros não apenas consomem, mas também se engajam com estes conteúdos: cerca de 25% tendem a consumir mais

⁹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2019-12-28/jovem-nerd-o-projeto-de-dois-geeks-que-ganham-a-vida-fazendo-piada-com-o-mundo-pop.html>. Acesso em 13 mar. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://www.b9.com.br/116179/pesquisa-da-deezer-mostra-que-consumo-de-podcasts-subiu-67-no-brasil/>. Acesso em 13 mar. 2020.

de uma hora de programa por dia. Já pelos dados da pesquisa Ibope, realizada em janeiro de 2019, dos 120 milhões de internautas brasileiros, 40% já ouviram podcast, ou seja, 50 milhões de pessoas já consumiram algum produto em áudio na internet. O levantamento também mostra que 32% dos internautas (38,4 milhões de pessoas) sequer sabem o que é um podcast.

Ainda de acordo com o estudo, os episódios não podem ter uma duração muito longa (no máximo 15 minutos), ou seja, que sejam curtos e objetivos, já que, segundo os internautas, o podcast é uma mídia utilizada para "matar o tempo", enquanto realizam outras atividades.

Segundo a Podpesquisa¹¹, realizada de outubro a dezembro de 2019 pela Associação Brasileira de Podcasters, os temas que mais interessam aos entrevistados são: cultura POP (quase 65%), humor e comédia (53%), ciência (52%) e política (42,6%). Ainda, segundo a mesma pesquisa, os podcasts mais citados e lembrados pelos entrevistados são: em primeiro lugar, Nerdcast, seguido de Gugacast, Mamilos, Xadrez Verbal e Anticast. Em sexto lugar na preferência da audiência está o Projeto Humanos, objeto de estudo desta monografia.

2.4 OS FORMATOS E TIPOS DE PODCAST

Tenório (2009, TRADUÇÃO NOSSA), em sua obra "*Podcast: manual del podcaster*" divide os podcasts em oito formatos: abertos (que podem ser modificados, como resumos informativos, edições especiais, entre outros); revista (de atualidade, que combina informação com opinião e entretenimento com o espetáculo, e de lazer cultural, que é mais relacionada ao mundo da cultura, lazer, natureza, viagens, animais de estimação e que dá maior abertura à participação da audiência); musicais (podcasts temáticos com conteúdo musical); esportes (onde as informações sobre esportes são o eixo central do conteúdo e que engloba recursos como: notícias e revistas esportivas, transmissões de esportes, conteúdo esportivo em flash e encontros esportivos); culturais (que contém diferentes informações sobre diversas áreas da cultura, podendo incluir agendas culturais, por exemplo); dramáticos (que o autor afirma estar em extinção nas rádios tradicionais por conta da complexidade da produção e de fatores comerciais); temáticos (programas monográficos sobre um tema concreto ou uma área em particular); e informações e áudios (que se destina a informar).

¹¹ Disponível em: <http://abpod.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Podpesquisa-ouvintes-2019.pdf>. Acesso em 09 abr. 2020.

Um formato bastante difundido nos Estados Unidos, mas pouco comum no Brasil, é o de *storytelling*. Palacios e Terenzo (2016) explicam o *storytelling* como uma tecnologia de comunicação "que implica em saber encontrar e contar uma história fabulosa, com um propósito épico, de forma fantástica" (p. 63). Para os autores o termo significa encontrar ou criar histórias fortes com propósitos estratégicos e narrá-las com excelência. E foi com essa estratégia que os podcasts *storytelling* se disseminaram nos Estados Unidos. Os mais populares são: *Serial*¹², série que investiga o assassinato de uma estudante em 1999; *This American Life*¹³, programa semanal que aborda temas variados na Rádio Nacional Americana (NPR); *Radiolab*¹⁴, série que faz investigações científicas.

Embora o formato mais comum no Brasil seja mesa-redonda, com diferentes vozes debatendo ou falando sobre um determinado assunto, algumas iniciativas brasileiras estão aderindo ao formato *storytelling*. Entre eles, estão o Projeto Humanos¹⁵, um podcast documental que faz um registro de histórias reais utilizando técnicas de *storytelling*; a Rádio Escafandro¹⁶, um podcast de investigação jornalística que em cada episódio aborda um novo tema; e o Vozes¹⁷, um produto desenvolvido pela CBN com intuito de promover reflexões e conectar pessoas sobre assuntos em discussão na sociedade.

¹² Disponível em: <https://niemanstoryboard.org/stories/serial-podcast-producers-talk-storytelling-structure-and-if-they-know-whodunnit/>. Acesso em 15 mar. 2020.

¹³ Disponível em: <https://www.npr.org/podcasts/381444650/this-american-life>. Acesso em 21 mar. 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://www.wnycstudios.org/podcasts/radiolab>. Acesso em 21 mar. 2020.

¹⁵ <https://www.projetohumanos.com.br>

¹⁶ <http://www.radioescafandro.com>

¹⁷ <https://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/580/vozes-historias-e-reflexoes>

3 DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO E *STORYTELLING*

"Contar e ouvir, ler e escrever histórias fazem parte intrínseca da nossa natureza como seres sociais" (LIMA, 2014, p. 122). Desde os tempos mais remotos os seres humanos contam histórias e, por meio delas, transmitem conhecimentos, o que nos permite considerar a narração como uma prática trans-histórica. Sabe-se que o ato de narrar foi necessário à sobrevivência da espécie humana e que sempre foi utilizado como um código universal.

Ao tecermos narrativas constituímos nossas percepções, criamos significados sociais e culturais e construímos nossa realidade, o que nos permite considerar o discurso como dispositivos argumentativos produtores de significados (MOTTA, 2013, p. 120).

A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores e mitos, etc.) em relatos. A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo. (MOTTA, 2005, p. 2)

Da mesma maneira que a forma de narrar e contar histórias tenha sofrido mudanças com o passar do tempo, a crescente produção de novos conteúdos e a ascensão de diferentes mídias também alterou a relação de consumo da audiência. Formatos tradicionais, como o radiodocumentário, que teve início na década de 1920 e que se tornou muito comum em rádios culturais, educativas e públicas, e as radionovelas que, de acordo com Ferraretto (2000), teve seu ápice de sucesso nos anos 40, época de ouro do rádio brasileiro, estão sendo readaptados para novos canais, e com isso, estão ganhando novos recursos de linguagens.

Técnicas como a do *storytelling*, que além de dar solidez a uma história, apresenta significado e sentido a uma narrativa, já são utilizadas em alguns casos dentro do cenário publicitário e comercial. Certamente você já consumiu algum conteúdo que tenha utilizado essa técnica que possibilita total imersão dentro de uma história: a *Apple*, por exemplo, é um grande exemplo de empresa que inclui *storytelling* na venda de seus itens. Steve Jobs¹⁸, transformou os lançamentos de seus produtos tecnológicos em grandes eventos elaborados a partir de uma construção narrativa com sequência lógica, momento de clímax, conflitos (com outras marcas concorrentes), protagonistas (o produto e ele mesmo) e por vezes até mesmo antagonistas

¹⁸ Co-fundador, presidente e diretor executivo da Apple Inc.

(PARENTE, 2017, p. 20). Seu surgimento de década de 90, com o início do projeto *American Film Institute* em que o objetivo era estimular as pessoas a usarem a linguagem digital para contar suas próprias histórias, se tornou uma tendência a ser perseguida pelo meio corporativo, e, por consequência, pelas empresas de mídia jornalística.

Embora o *storytelling* se aproxime muito do jornalismo literário, ele não significa uma atualização do Novo Jornalismo — movimento dos anos 60 que passou a aplicar técnicas literárias a relatos jornalísticos, que alterou as rotinas produtivas das redações e que modificou significativamente o consumo de conteúdos jornalísticos —, mas sim um recurso de redação aplicável nas mais diversas áreas. Nessa posição, "o jornalista (*storyteller*) assume o papel de narrador e organiza os fatos em sequência" (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 61), e a partir dessa organização, insere elementos narrativos de valorização do ambiente e do personagem, descrição detalhada e demais observações, com o objetivo de instigar a audiência a consumir um produto até o final e se sentir seduzida por aquele conteúdo.

O recurso da contação de histórias, da utilização da multiplicidade de vozes e da preocupação em situar a audiência sobre o que está sendo narrado se aproxima muito do papel principal do radiodocumentário. Ao ponto que a imprensa tradicional se limita a explicar os relatos factuais, as histórias pertinentes e fascinantes acabam sendo deixadas em segundo plano. Contudo, mesmo que sendo pouco trabalhado atualmente no Brasil, os documentários radiofônicos estão ganhando novas linguagens, ocupando novos espaços e sendo desenvolvidos a partir de novos recursos narrativos que se mostram bastante pertinentes.

3.1 OS GÊNEROS RADIOFÔNICOS E O RADIODOCUMENTÁRIO

Ao falar de narrativas em profundidade em mídia sonora é inevitável a abordagem do papel histórico que o documentário e a reportagem especial têm nessa trajetória no Brasil. Isso porque, até o desenvolvimento de podcasts independentes, a produção de trabalhos jornalísticos nessa área era basicamente dependente de emissoras jornalísticas de rádio. Por isso, é importante entendermos como se dá a definição dos gêneros para o rádio e, conseqüentemente, o papel que o radiodocumentário teve/tem nessa configuração.

Embora hoje seja incomum na realidade das emissoras brasileiras que dedicam seus esforços aos noticiários factuais, por conta da redução de custos e barateamento da produção

jornalística, os radiodocumentários e os especiais tem um papel fundamental na construção de conteúdos com maior aprofundamento. Por ser mais presente em rádios identificadas como culturais, educativas ou públicas (FERRARETTO, 2014, p. 224), a produção e as pesquisas sobre o formato são limitadas.

Os documentários no rádio surgiram ao final dos anos 20, influenciados pelos documentários produzidos pelo cinema. A ideia era de que o gênero poderia tornar o rádio mais interessante e vivo (SOUTO; CAETANO, 2012, p. 12). No entanto, com o passar do tempo, eles não se mantiveram nas programações das rádios tradicionais, já que, com a necessidade de informar o público com a maior concisão possível, os espaços destinados aos especiais (inclui-se os documentários) foram substituídos por programas jornalísticos informativos que exigem instantaneidade e velocidade. Segundo Detoni (2019), a ideia de um rádio com maior dinamismo e objetividade "apontavam, no final da década de 1990, para um único prognóstico: a morte do gênero documental, com suas montagens longas e sofisticadas" (p. 2).

Foi entre as décadas de 1930 e 1940 que a busca por novos modelos de jornalismo passou a se incorporar nas organizações. Durante este período de fortalecimento da mídia sonora como veículo de massa, "pioneiros no rádio britânico motivados por um desejo de transformação social buscaram romper com a fria pauta jornalística e incorporar ao rádio vozes do cotidiano" (DETONI, 2019, p. 2).

Pessoas comuns passaram, aos poucos, a colorir o rádio britânico - dominado pelas elites burguesa e aristocrática - com suas vivências, sotaques e expressões coloquiais. Surgiram então as primeiras peças radiofônicas com vozes e sons coletados fora do estúdio e apresentados com alguma estrutura dramática. Essas peças não ficcionais foram denominadas documentários. Os temas estavam fora do noticiário e o objetivo não era meramente informar, mas sensibilizar, revelar, compartilhar uma experiência, mudar a percepção sobre algo. (DETONI, 2019, p. 2)

No entanto, foi em 1995, que Ira Glass e sua equipe "ressuscitaram a figura do contador de histórias que transmite um saber no programa semanal *This American Life* (TAL)" (DETONI, 2019, p. 2). O programa, transmitido pela NPR¹⁹ e produzido em colaboração com Chicago Public Media, fez sucesso na radiofonia norte-americana mostrando ser capaz de conquistar o ouvinte com histórias reais e com percursos narrativos instigantes e surpreendentes. Sobre o formato de TAL (*This American Life*), além das narrativas em primeira pessoa, o programa faz sucesso por fazer jornalismo de forma descontraída:

¹⁹ Rádio Pública Nacional norte-americana.

Principalmente fazemos jornalismo, mas um tipo divertido de jornalismo construído em torno da trama. Em outras palavras, histórias! Nossos tipos favoritos de histórias têm pessoas atraentes no centro delas, momentos engraçados, grandes sentimentos, reviravoltas surpreendentes na trama e ideias interessantes. Como pequenos filmes para o rádio. (THIS AMERICAN LIFE, TRADUÇÃO NOSSA)²⁰

As inúmeras possibilidades e diversidade de formas de se fazer jornalismo em rádio, visto a expansão do acesso à internet, trouxeram consigo novas formas de entender o jornalismo quanto produto de informação. Mesmo que essas mudanças tenham alterado a relação de produção de conteúdos, Barbosa Filho (2003), autor que debruçou sua pesquisa sobre os gêneros radiofônicos, dividiu-os em sete categorias: gênero educativo-cultural, entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço, especial e jornalístico. Dentro do gênero jornalístico (BARBOSA FILHO, 2003, p. 89-109), o autor apresenta diversos formatos como: nota (informe sintético de um fato atual, nem sempre inconcluso), notícia (módulo básico da informação), boletim (pequeno programa informativo), reportagem (narrativa que engloba diversas variáveis de um acontecimento), entrevista (fonte de coleta de informações), comentário (que dá ritmo ao cenário sonoro), editorial (ponto de vista da instituição radiofônica), crônica (que tem ligação direta com a atualidade e ligação com uma circunstância favorável), radiojornal (que engloba todos os outros formatos jornalísticos), mesas-redondas ou debates (espaços de discussão coletiva), programas policiais e esportivos (cobertura de análises de fatos policiais e esportivos), divulgação tecnocientífica (divulgar e informar sobre o mundo da ciência) e documentário jornalístico (que veremos a seguir).

Quanto ao documentário jornalístico, Barbosa Filho (2003, p. 102) assinala que este é uma análise sobre um tema específico que tem a função de aprofundar determinado assunto, tendo o repórter como "contador":

O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, mediação dos fatos in loco, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística. É realizado por meio de montagem – com matérias gravadas anteriormente ou, ainda, juntando-se esse material às “cabeças” – introdução aos temas enfocados – e algumas matérias temporais ao vivo.

Este conceito se assemelha ao de Ferraretto (2000), que afirma que o documentário radiofônico, que inclui recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e elaboração de um roteiro prévio, "baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando

²⁰ <https://www.thisamericanlife.org/about>. Acesso em: 16 abr. 2020.

um fato importante" (p. 57). O autor, além de conceituar, ratifica a ocorrência de três gêneros jornalísticos: informativo, interpretativo e opinativo, que, no rádio, "adquirem formas específicas, adequando-se às características do veículo" (FERRARETTO, 2000, p. 201).

Quanto ao gênero opinativo, Ferraretto explica que este "engloba um julgamento próprio a respeito de um acontecimento ou assunto" (p. 202). Segundo o autor, esse gênero está presente nos comentários, nos editoriais e nas participações de âncoras. Já o gênero informativo "retrata o mínimo de detalhes necessários" para a compreensão da informação, podendo haver, em alguns casos, interpretação, e o gênero interpretativo, tem o objetivo de "situar o ouvinte dentro do acontecimento" (2000, p. 201). Este gênero pode contextualizar um fato, englobando diversos aspectos sociais, econômicos, históricos e culturais. Para o autor, além do texto manchettato, programas de entrevistas e debates incluem-se no gênero interpretativo. Mesmo que não há uma resposta concreta sobre em qual gênero o radiodocumentário se firma, alguns estudiosos acreditam que pela dedicação em retratar os detalhes de forma minuciosa os documentários se aproximam mais do gênero informativo, enquanto outros acreditam que o produto se encaixa melhor no gênero interpretativo por situar o ouvinte dentro da narrativa.

Em relação a produção do documentário, Ferraretto explica que se aproxima da pesquisa jornalística, uma prática muito comum na grande imprensa brasileira nas décadas de 1960 e 1970. "É um processo que se relaciona diretamente com o gênero jornalístico interpretativo, embora possa ter relações com os demais" (FERRARETTO, 2013, p. 226). Para Vilas Boas, interpretar é "dar a informação sem opinar, expondo ao leitor [ouvinte, telespectador] o quadro completo de uma situação atual" (1996, p. 77).

Além do grande empenho na elaboração, no conteúdo e no formato, é imprescindível que os radiodocumentários informem e revelem um cenário pertinente e relevante a partir de uma reportagem que englobe honestidade e equilíbrio. Para Mcleish (2001), o documentário deve apresentar somente fatos, "baseados em evidência documentada – registros escritos, fontes que podem ser citadas, entrevistas atuais e coisas do gênero" (p. 191). Na percepção do autor, a vantagem do documentário é poder tornar o tema mais interessante, envolvendo um maior número de pessoas além de tratar um tempo com maior amplitude. "É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas ideias e interesses" (p. 192).

A utilização de recursos narrativos que tornem o documentário memorável é indispensável. Contudo, outras etapas como a produção e a edição são essenciais no sucesso do produto final.

Sobre a produção de um radiodocumentário, Chantler e Harris (1998, p. 166) assinalam que é preciso racionalizar os esforços antes de iniciar a produção do material, por isso, deve-se procurar garantir que será viável o acesso a músicas e efeitos sonoros que serão necessários e compreender que fazer gravações muito longas podem resultar em trabalho redobrado, já que é preciso decupar e editar as sonoras mais importantes e fascinantes de um entrevistado. Já sobre a edição, os autores indicam procurar vozes e sons surpreendentes que possam ser utilizados no documentário. "Faça o ouvinte compreender que você está transmitindo informações importantes e não deixe que ele se distraia. Se você tiver em mãos algum material que aparente ser enfadonho, deixe-o fora" (p. 166). Além destes recursos, o ritmo é elemento fundamental na construção de um documentário radiofônico, por isso a necessidade da utilização de sonoras curtas e diretas em vez de depoimentos longos e cansativos ao ouvinte.

3.1.1 Diferenças e semelhanças entre o documentário radiofônico e a reportagem especial

Ao definirmos documentário, nos deparamos com características que se assemelham à grande reportagem ou reportagem especial. Barbosa Filho (2003, p. 92) explica que a reportagem, além de compreender as diversas variáveis de um acontecimento, amplia "o caráter minimalista do jornalismo e oportuniza aos ouvintes, leitores, telespectadores ou internautas uma noção mais aprofundada a respeito do fato narrado". Para Carmen Lúcia José (2003, p. 6), o documentário complexificou a reportagem, utilizando a generalidade de um assunto como um tema.

A reportagem especial ou grande reportagem é um dos gêneros mais ricos do rádio pela capacidade de explorar determinados assuntos com profundidade e diversas perspectivas. Chantler e Harris (1998) esclarecem que, no rádio, as reportagens especiais tem pelo menos uma sonora "com o repórter fazendo a ligação entre as diferentes partes do caso. Ela é, na verdade, uma notícia lida no estúdio e ilustrada com alguma gravação. Seu tempo pode ser de 35 segundos ou um pouco mais, contendo apenas uma sonora". Para os autores, o documentário se encontra em um outro extremo: "pode ter uma hora de duração e apresentar várias sonoras. O documentário deve ter uma forma própria e uma história para contar" (p. 164-165).

Para José Javier Muñoz e César Gil (1990, p. 69, apud FERRARETTO, 2013, p. 225), há outros elementos que diferenciam a estrutura do documentário da reportagem especial:

(1) Nos documentários, há uma abundância de depoimentos, mais longos e com maior espontaneidade do que nas reportagens; (2) a menor duração das reportagens

obriga uma edição comprimida a reduzir a naturalidade da fala; (3) sem a pressão dos prazos comum no caso das reportagens, o tempo de produção e realização pode se expandir; (4) nesse contexto, o documentário, ao contrário da grande reportagem ou reportagem especial, conforma-se como um “programa em si mesmo”.

José (2003) elenca outros aspectos presentes no gênero documentário que serão pertinentes na análise do objeto de estudo desta monografia. Para a autora, a reportagem é orientada pela singularidade, em que a história envolve um determinado "quem" em um respectivo "o quê", enquanto o documentário "envolve-se com vários “quens” como representantes dos muitos e variados pontos de vista do mesmo o quê" (p. 8):

O tema está distribuído em aspectos representados pelas muitas e variadas vozes das sonoras, que participam do tema com suas lembranças e recordações, com suas opiniões e gostos, expondo-se independentemente de qualquer fato. A superficialidade dos relatos dos vários “quens” constitui a profundidade das mídias eletrônicas. (JOSÉ, 2003, p. 8)

Na concepção de Ivan Mizanzuk, podcaster e produtor do Projeto Humanos, objeto de análise deste trabalho, no documentário a opinião da pessoa que está produzindo é mais explícita, já que está lidando com um fato real e não há necessidade de ser imparcial, enquanto que em uma reportagem há um esforço maior em expor contrapontos e buscar uma imparcialidade.

No ponto de vista técnico, há ainda mais características que tornam o documentário um gênero capaz de desenvolver dados e informações que passam despercebidos pelo jornalismo diário. De acordo com José (2003), a reportagem explora um assunto conforme um ângulo pré-estabelecido, normalmente escolhido pelo componente mais importante do lead ou pelo que se considera mais interessante, enquanto o documentário não precisa "estar referendado por alguma notícia, isto é, o tema tratado no documentário não precisa ser presentemente factual ou ter uma ocorrência no passado que mereça ser, de tempo em tempo, comemorada" (p. 7).

Os radiodocumentários e especiais são terrenos férteis para a experimentação de técnicas narrativas. No caso desses dois formatos, é fundamental que o recurso utilizado permita o emprego de uma multiplicidade de vozes, descrições de detalhes, sem tornar a condução do texto cansativa e sem fluidez. Como o objetivo desses produtos vai além de informar e esclarecer, é essencial que a organização do conteúdo estimule novos interesses e instigue a audiência a permanecer consumindo até o desfecho da história.

3.2 *STORYTELLING*: UMA NOVA POSSIBILIDADE DE NARRATIVA

O presente trabalho abordará as características e roteirização de um podcast em narrativa produzido no Brasil. Na abertura do Projeto Humanos, o *host* do podcast, Ivan Mizanzuk, destaca que se trata de uma produção em *storytelling*. Mas afinal, o que é *storytelling* e qual a sua relação com o jornalismo?

Mizanzuk, o idealizador de um dos primeiros podcasts em formato *storytelling* do Brasil, entende que essa técnica é uma junção de diversas ferramentas "que servem para tornar histórias melhores, como planejar uma história, desde coisas bem básicas como definição de perfil de personagens, do que chama também de microcélulas de ação" (MIZANZUK, 2020). O podcaster explica que são métodos que tornam as histórias mais efetivas e interessantes e que essa espécie de "jornalismo narrativo" ainda é incomum no Brasil, embora haja grandes escritores que desenvolvem este trabalho no país. Embora as definições sejam sobre o ato de contar história, a forma como de Ivan descreve *storytelling* guarda semelhança com o radiodocumentário e também com a ideia de jornalismo literário.

Até agora, abordamos as características do documentário radiofônico, por ser o formato que reúne aspectos sobre narrativa em profundidade na mídia sonora. Isso não quer dizer que *storytelling* e documentário radiofônico sejam o mesmo ou diferentes, mas é importante trazer a discussão conceitual sobre o que já existe na bibliografia, de um lado, e a definição trazida pelo autor do podcast em debate, do outro, visando trazer clareza sobre os limites das ideias envolvidas.

A abundância de informações e a crescente produção de conteúdos emergiu uma implicação ao jornalismo: a limitação de atenção do público que está cada vez mais disperso. Por esse motivo, diversas marcas e até mesmo a imprensa travam uma batalha pela atenção das pessoas, e é nesse ponto que boas e verdadeiras narrativas podem despertar e interessar multidões. "Uma história bem contada interage com as emoções das pessoas" (PALACIOS; TERENCEZZO, 2016, p. 4)

Diversos estudos do campo da psicologia, sociologia e neurologia evidenciam que estruturas narrativas atraentes, que não seguem um padrão do lide jornalístico e que fortalecem um personagem a partir de uma história interessante, tendem a capturar a atenção do público por mais tempo, aliando entretenimento com transmissão de conhecimento. Scartozzoni (2016) exemplifica que mesmo que não tenhamos mais tempo para nada, quando somos cativados por algo consumimos um produto (seja ele uma série, um filme ou um livro) até o final. Palacios e Terenzzo (2016) esclarecem que as atenções são combinadas e que é justamente por isso que ficamos no

cinema até o fim. "Pelo mesmo motivo terminamos livros de romance, acompanhamos minisséries ou aguardamos ansiosamente o capítulo de uma novela. Queremos saber o desfecho da história e o destino dos personagens" (p. 12).

Embora a atividade jornalística seja caracterizada pela reportagem de fatos, a difusão instantânea de informações resultou na diminuição do aprofundamento e da qualidade das narrativas. Por esse motivo, faz-se necessário a utilização de técnicas e recursos de redação que contribuam com a diferenciação desses conteúdos mais rebuscados e aprofundados, que aproximem a audiência do que está sendo relatado.

É o caso do *storytelling* — que mesmo se aproximando do jornalismo literário, é somente uma técnica que se apropria de elementos da literatura — que é tido como uma ferramenta para narrar os fatos como se fossem histórias, enfatizando descrições, recriando cenas, enobrecendo personagens e, por consequência, despertando diferentes sensações naquele que está consumindo. "A técnica do *storytelling* resulta em um texto sinestésico: atinge os cinco sentidos, não deixando que o sujeito fuja da mensagem" (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 59).

Essa técnica engloba fatores fundamentais que auxiliam na construção de um texto narrativo atraente, com ritmo, que fisgue o público e que o instigue a continuar consumindo. Além de um conteúdo especial e marcante, é imprescindível saber encontrar e contar uma história boa, forte e "fabulosa", com um propósito estratégico e épico, narrando de forma "fantástica" (PALACIOS; TEREZZO, 2016, p. 62).

Em tempos de excesso de informação, as formas mais intrigantes se sobrepõem sobre as entediantes. Isso quer dizer que *Storytelling* não é sobre contar "historinhas". Isso é o que os pais fazem quando querem botar os filhos para dormir. *Storytelling* tem a ver com o oposto disso: manter a audiência desperta e esperta pelo que vai acontecer a seguir. Boas narrativas roubam horas de sono. Só que *Storytelling* também não é só hipnotizar a narrativa. É preciso ter algo a mais. (PALACIOS; TEREZZO, 2016, p. 48)

Os autores explicam que as estruturas narrativas, se bem construídas, podem persuadir pessoas e até mesmo alterar suas decisões, por isso a importância de técnicas como o entrelaçamento de informações. "Toda narrativa é transformada por linhas que se cruzam: as vidas das personagens correm em paralelo e depois se cruzam e volta a se separar" (PALACIOS; TEREZZO, 2016, p. 61).

É sabido que as primeiras linhas ou, no caso do audiovisual, os primeiros minutos são a porta de entrada para cativar o público, por isso prometer, logo no início, que algo muito interessante irá acontecer ao final da história é primordial. "Sedução, convite, promessa de uma

experiência especial são elementos essenciais de uma boa história. Feito isso, resta cumprir a promessa" (XAVIER, 2015, p. 43). O desconhecimento pelo que irá acontecer é o que nos mantém atentos para acompanhar o restante do percurso, então, não só oferecer um bom começo, é também necessário ter um fim marcante e surpreendente, que contrarie ou até supere as expectativas da maioria. A estrutura a ser seguida, no ponto de vista do autor, é a seguinte: "[...] começa no “Era uma vez”, termina no “foram felizes para sempre”, e pronto. No miolo? Bem, ali a gente coloca as ideias" (p. 81).

Sobre a definição do termo *storytelling*, o autor divide em três partes:

Definição pragmática: *Storytelling* é arte de elaborar e encadear cenas, dando-lhes um sentido envolvente que capte a atenção das pessoas e enseje a assimilação de uma ideia central. Definição pictórica: *Storytelling* é a arte de moldar e juntar as peças de um quebra-cabeça, formando um quadro memorável. Definição poética: *Storytelling* é a arte de empilhar tijolos narrativos, construindo monumentos imaginários repletos de significado. (XAVIER, 2015, p.11)

Marcelo Adifa (2019) explica que o *storytelling* se refere a uma narrativa ou construção de um enredo e a forma com que contamos a história para o público que queremos atingir. Segundo o autor, para perpetuarmos o conteúdo, não basta apresentá-lo como uma narrativa qualquer, mas construir as histórias com emoção e enredo. "Dominar esses elementos creditam sucesso à nossa narrativa. Se sua história não tem paixão, não tem vida. Sem vida, archive-a, não vale a pena" (ADIFA, 2019, n.p). A prática da escrita aliada ao planejamento e a construção de um texto com simplicidade e que resultem em gatilhos emocionais é o segredo de um conteúdo *storytelling* de qualidade.

Além da capacidade de manter uma história "viva", atraente e envolvente, Adifa elenca alguns aspectos essenciais na construção da narrativa: personagem, ambiente, conflito e mensagem. Para ele, os personagens "devem ser interessantes, ricos em termos de histórias pessoais e conflitos [...] uma boa história é nada sem que tenhamos alguém que a tenha vivido com plenitude" (ADIFA, 2019, n.p). O ambiente em que as histórias se passam também traz uma grande relevância a narrativa, por isso a necessidade de existir conexão do local com os personagens do enredo. Já o terceiro elemento, o conflito, é o que move a história. É a partir dessa estrutura que podemos compreender as transformações, a evolução e as razões daquele personagem estar naquela história. Após os personagens serem estruturados com elementos que os tornam interessantes, os ambientes estarem conectados e muito bem descritos na narrativa, bem como o conflito, o questionamento do autor é claro "Que mensagem queremos passar com a história?":

A mensagem é o fecho do *storytelling*, é o seu ápice, momento que não deve ser revelado antes da hora certa e nem sem o envolvimento correto do leitor ou espectador. Se o conflito é transformador, a mensagem é o coroamento da nossa jornada. A mensagem é a alma do *storytelling*, é o que faz com que nossa história se perpetue e se diferencie das demais. Analisada tecnicamente, na mensagem temos os dois elementos do *Storytelling* apresentados de forma clara: **Story**: a história que desejamos contar; **Telling**: como e de qual maneira a contaremos. O ideal é que consigamos manter nossa história em elevação constante até o desfecho. (ADIFA, 2019, n.p)

Vale recorrer a Cunha e Mantello (2014) para compreender a estrutura que deve ser seguida na construção de uma narrativa. Para os autores, a narrativa apela para os sentimentos e emoções da audiência. "Essa estrutura é formada por um tema, aquilo de que se fala; um argumento, os acontecimentos; a trama, que é a estrutura propriamente dita; e sentido, a verdade transmitida" (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 59). É por conta da carga emocional que as histórias carregam que a audiência compreende um relato de forma mais rápida e profunda. Pelo fato de as histórias cativarem e promoverem o envolvimento dos indivíduos, elas permitem que as pessoas debatam e que cheguem a suas próprias conclusões sobre um determinado tema.

Neste aspecto, Pinto (2009) acredita que a partir de uma cena, partindo do personagem para o geral, utilizando diálogos, tudo isso unido a pesquisa, observação, entrevista e documentação, é possível escapar dos formatos mais clássicos de relatar fatos (p. 257). A autora apresenta definições que convergem muito com as características descritas por outros autores e explicita que as histórias precisam englobar quatro partes fundamentais se quiserem fisgar o leitor e fazer com que ele permaneça ativo até o final da narrativa.

ANZOL: No primeiro parágrafo, o autor apresenta um mistério, um problema ou algum outro elemento que fisgue o leitor, que o instigue a tentar descobrir a solução. FOCO: Na sequência, para que o leitor entenda por que é importante que leia até o final, o texto explica sobre o que é aquela história (ou seja, qual é a notícia). PROVAS: Depois ele alinhava as informações apuradas que comprovam a notícia. RESGATE: é comum que esses textos terminem com um final elaborado, que faz remissão ao começo ou procura causar impacto no leitor. (PINTO, 2009, p. 256)

As características descritas por Pinto se aproximam da técnica *storytelling*, que tem sido utilizada com maior frequência nas narrativas jornalísticas. O recurso que permite ao narrador a apropriação do discurso e que se apodera da riqueza de detalhes (de personagens, cenas e cenários) tem se mostrado legítimo e concreto no que tange a atenção da audiência. Contudo, não basta apenas contar uma história de forma atrativa, é essencial que a narração englobe, o que Pinto (2009) chama de quatro pernas: "pesquisa, observação, entrevista, documentação" (p. 89). Tendo isto, histórias comuns, sem tanto apelo dramático ou emocional e que não despertam uma multiplicidade

de sensações, podem se tornar inesquecíveis. Foi assim que o Projeto Humanos passou a ser um dos podcasts narrativos de maior prestígio no Brasil.

4 ANÁLISE DO PODCAST “CASO EVANDRO” DO PROJETO HUMANOS

Para analisar as características presentes na narrativa dos episódios da quarta temporada do Projeto Humanos, será utilizada a metodologia da Análise de Conteúdo, dividindo as informações em categorias para que possa ser analisado alguns aspectos como: uso de fontes, métodos de apuração, edição dos episódios, uso de trilhas e efeitos sonoros, bem como os espaços de opinião ocupados pelo locutor. Para tal análise, recuperaremos definições de *storytelling*, jornalismo documental em rádio e reportagem especial e compreenderemos de que forma o *host* do podcast elabora os episódios de um dos podcasts mais populares do país.

4.1 O PODCAST PROJETO HUMANOS

"Eu gosto de pensar que é como se fosse um filme para ouvir" (MIZANZUK, 2019). É assim que Ivan, idealizador do Projeto Humanos, define o podcast *storytelling* desenvolvido por ele desde 2015. O contato de Ivan com estes produtos em áudio iniciou em 2011, quando passou a produzir o AntiCast, um podcast focado em história, política e artes e que, hoje, é uma rede de podcasts da qual o Projeto Humanos faz parte.

Após muitos estudos sobre técnicas narrativas e consumo de produtos norte-americanos que já faziam sucesso com a técnica do *storytelling*, Ivan produziu um episódio piloto "O Bom de Briga", em que entrevistou seu pai sobre uma briga que teve na infância na cidade de Curitiba-PR. Ainda no mesmo ano, em agosto de 2015, o Projeto Humanos estreou sua primeira temporada, chamada "As Filhas da Guerra", que se dedica a narrar a história de uma judia sobrevivente do Holocausto, Lili Jaffe. Em paralelo a produção desta primeira temporada, Mizanzuk criou uma série de programas especiais: "A Verdade Nua e Crua", em que conta a história de uma mulher que sofreu com o vazamento de fotos íntimas na internet; e Crônicas, que foram quatro episódios focados em narrativas em primeira pessoa.

No início de 2016, a segunda temporada "O Coração do Mundo", composta por 14 episódios, montou um mosaico de histórias e experiências individuais de brasileiros e refugiados que estiveram envolvidos em conflitos no Oriente Médio. A ideia era, além de contar histórias, oferecer aos ouvintes uma compreensão geopolítica, desde o 11 de Setembro até a Guerra da Síria.

Ao final do mesmo ano, foi ao ar a terceira Temporada, "O Que Faz um Herói?", a primeira temporada produzida por novos colaboradores do Projeto Humanos. Neste caso, foram contadas seis histórias isoladas sobre experiências de heroísmo praticadas por pessoas comuns.

A quarta temporada, intitulada "O Caso Evandro", foi lançada em 31 de outubro de 2018, no Dia das Bruxas, se debruçou sobre um caso que aconteceu em 1992, na cidade de Guaratuba, no litoral do Paraná, em que o menino Evandro Ramos Caetano, de apenas seis anos de idade, desapareceu. O corpo foi encontrado dias depois e a suspeita era de que o garoto teria sido sacrificado em um ritual satânico. Entre os sete acusados, estava a filha e a esposa do prefeito da cidade, o que fez com o que caso ficasse popularmente conhecido como "As Bruxas de Guaratuba", mexendo com o imaginário da população na época até os tempos atuais. Fruto de uma pesquisa de quase 2 anos, esta foi a primeira temporada totalmente dedicada a um caso criminal brasileiro e contou com depoimentos coletados por entrevistas, informações retiradas de autos de processos ou da imprensa na época. Sobre a escolha do tema para esta quarta temporada, Ivan explica que:

Eu queria trabalhar com algum caso criminal e o Caso de Guaratuba era um caso que me marcou quando eu era criança, então eu fiquei interessado em fazer. Eu queria fazer um caso criminal porque era o que o Serial tinha feito e eu achei que precisava ser feito de alguma maneira, um pouco mais diferente da maneira que o Caso Evandro foi coberto, como a imprensa cobriu esse caso, durante tanto tempo. (MIZANZUK, 2020)

4.1.1 O Caso Evandro

"Este programa descreve cenas fortes e não é recomendável para pessoas sensíveis". É com esse alerta que Ivan Mizanzuk abre todos os episódios do Caso Evandro e que tornou o podcast um dos mais ouvidos do Brasil: já são mais de 4 milhões de downloads²¹. A reconstrução do assassinato do menino Evandro Ramos Caetano é bastante complexa, visto que, além de envolver inúmeras fontes (um total de 148 personagens foram utilizados na construção da narrativa), passa por uma apuração profunda que envolve elementos jurídicos que já estavam arquivados. O roteiro, costurado para envolver o ouvinte, é organizado de forma a resgatar depoimentos e entrevistas da época para que o público tire suas conclusões de quem são os culpados pela morte do menino Evandro e como era o cenário em Guaratuba na época.

²¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/06/15/podcast-que-conta-a-historia-do-caso-evandro-bate-4-milhoes-de-downloads-e-vai-virar-serie.ghtml>. Acesso em 24 abr. 2020.

Depois de analisar 60 volumes, mais de 20 mil páginas dos autos de processos e contar com o apoio de cerca de 40 pessoas que o ajudaram no processo de leitura, transcrição dos áudios e fitas de vídeos e a catalogar as informações, o podcast foi dividido em 6 partes: a primeira parte (do episódio 1 ao 6) se debruça a retratar um contexto geral do caso, bem como apresentar a vítima, os acusados, os envolvidos e o cenário da época no Estado do Paraná; a parte 2 (do episódio 7 ao 12) se limita a apresentar as confissões dos suspeitos, bem como seus depoimentos e suas prisões; a parte 3 (episódios 13 a 16) já traz controvérsias sobre os argumentos da acusação e alguns detalhes sobre supostas torturas sofridas pelos acusados do crime; a parte 4 (episódio 17 a 24) assinala questões importantes sobre álibis e as testemunhas da acusação; a parte 5 e 6 estão em produção (até o fechamento deste trabalho), mas trarão informações importantes sobre o corpo do menino Evandro e sobre novos desdobramentos.

Questionado sobre a repercussão do documentário em áudio que conta a história da morte de Evandro, Ivan afirma que imaginava que o produto teria um grande êxito por envolver suspeita de ritual de magia negra, questões políticas e jurídicas e elementos que tem muito potencial de prender e chamar a atenção da audiência. O sucesso foi tanto que o Caso Evandro seguiu para outras plataformas. Além de um livro que está nos planos de Mizanzuk, uma série de TV contará a história do menino sequestrado e assassinado há quase 30 anos em Guaratuba. A previsão é de que essa série, que está em processo de produção, tenha duração de oito episódios.

4.2 A METODOLOGIA

Esta pesquisa fará uso da metodologia de Análise de Conteúdo, que, para Bardin (2011, p. 15) é um "conjunto de instrumentos metodológicos" que se aplicam a diversificados discursos. Por meio desta técnica, será viável compreender as significações, estruturas e características que estão em torno das mensagens dispostas na amostragem dos episódios. A autora assinala que a função primordial da análise de conteúdo é o desvendar crítico (p. 20).

Bardin entende que o método parte da organização dos seguintes critérios: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A pré-análise trata da organização inicial do conteúdo. "Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise" (BARDIN, 2011, p. 125). Como a quarta

temporada do Caso Evandro é dividida em partes, foram escolhidos para análise neste presente trabalhos os últimos episódios da parte 1, 2, 3 e 4, visto que, além de serem vistos como um fechamento de cada contexto da história, trazem um delineamento geral do que foi tratado nos episódios anteriores e apresentam certo impacto (às vezes reviravoltas na história) para firmar a audiência para a próxima parte da narrativa. O episódio 25 do Caso Evandro também fará parte desta análise, já que, até o fechamento deste trabalho ele foi o último episódio da parte 5.

A segunda fase é a exploração do material em que ocorre as "operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas" (BARDIN, 2011, p. 131). Nesta parte, a análise será feita a partir de categorias que nos permitirão compreender e analisar as características presentes na narrativa, bem como os métodos utilizados por Ivan Mizanzuk, o produtor do Caso Evandro, para montar e editar o material.

Estas categorias abrangem a classificação de: 1) fontes, de acordo com segundo Lage (2014), e 2) edição (mapa de edição, uso de trilhas e efeitos sonoros e espaços de opinião).

Quadro 02 - Categorização da Análise de Conteúdo

Categorias	Subcategorias
Fontes	Fontes primárias e secundárias e apuração de fontes
Edição	Mapa de edição, uso de trilhas e efeitos sonoros e espaços de opinião

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta exploração serão analisadas qual o espaço destinado para fontes primárias e secundárias, bem como a forma de apuração que Ivan utilizou na construção dos episódios. Serão vistas questões técnicas como quantidades de trilhas e efeitos sonoros e quais as sensações que eles transmitem na condução da história, bem como os espaços destinados a opinião do autor e a disposição do material editado.

Por último, na terceira fase da análise, é realizado o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. "O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos - ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas" (BARDIN, 2011, p. 131). Ao interpretar os resultados poderemos

concluir se o Caso Evandro é um produto jornalístico ou um resgate histórico de fatos e informações já definidas e se o podcast possui características de radiodocumentário, assim como são as características mais presentes na narrativa e como ela é montada.

4.3 OS EPISÓDIOS ESCOLHIDOS PARA ANÁLISE

Para a realização do presente trabalho, foram escolhidos 5 episódios da quarta temporada do Projeto Humanos, sendo todos eles os últimos episódios de cada parte do Caso Evandro. Ivan, o *host* do podcast, separou a trama em seis partes, mas como, até o fechamento deste trabalho, a parte 06 não teve nenhum episódio divulgado, delimitaremos a observação ao episódio 06 (Parte 1), episódio 12 (Parte 2), episódio 16 (Parte 3), episódio 24 (Parte 4) e episódio 25 (Parte 5).

4.3.1 O episódio 06

O episódio 6 intitulado "Outros corpos" é o encerramento da primeira parte do Caso Evandro e tem 02h08min de duração. A Parte I desta quarta temporada do Projeto Humanos faz um delineamento geral da história do menino Evandro Ramos Caetano, dos envolvidos no suposto homicídio por conta de um ritual satânico, além de traçar paralelos entre a defesa, a acusação e o cenário atual da época. Este último episódio, lançado no dia 05 de dezembro de 2018, apresenta a história de uma ossada encontrada, em 1993, em local próximo onde foi encontrado o corpo reconhecido como o de Evandro Ramos Caetano no mês de abril de 1992. Essa ossada foi identificada como de Leandro Bossi, outra criança desaparecida em Guaratuba.

Neste episódio alguns pontos norteiam a narrativa: o depoimento do delegado Luiz Carlos de Oliveira, prestado em 2005 no julgamento de Airton Bardelli e Francisco Sérgio Cristofolini, em que faz um relato sobre um outro cadáver encontrado em Guaratuba; a linha do tempo do caso Evandro, a confissão de Osvaldo Marcineiro e Vicente de Paula Ferreira sobre estarem envolvidos no desaparecimento de Leandro Bossi e os laudos de DNA das ossadas; a entrevista de João Bossi, bem como as matérias publicadas na imprensa na época.

4.3.2 O episódio 12

A segunda parte do "Caso Evandro" é marcada pelas confissões, prisões dos acusados e depoimentos da defesa. O último episódio, nomeado de "Eu sou um Número", lançado no dia 27 de março de 2019, tem 01h21min de duração e é um retrato das prisões dos acusados. Os principais personagens do episódio 12 são Francisco Sérgio Cristofolini e Airton Bardelli, os únicos envolvidos no caso que, ao contrário dos outros cinco acusados, nunca confessaram o crime, nem em gravações da imprensa ou em interrogatórios oficiais.

O nome do episódio se dá justamente pela afirmação de Cristofolini sobre ser só mais um número na "trama" armada por Diógenes para incriminar Celina e Beatriz Abagge, esposa e filha do prefeito de Guaratuba, respectivamente. O principal norteador deste episódio é o julgamento de 2005.

4.3.3 O episódio 16

O episódio 16, intitulado como "O arquivamento" e publicado no dia 24 de abril de 2019, levanta algumas questões sobre o arquivamento das alegações de tortura sofrida relatadas pelos acusados pela morte do menino Evandro Ramos Caetano. Para delinear este cenário, trechos do depoimento de Isabel Kugler Mendes, responsável pelos dossiês de alegação de torturas sofridas pelos acusados, bem como os depoimentos dos julgamentos de 2004 e 2005 de Davi dos Santos Soares, Osvaldo Marcineiro e Beatriz Abagge, acusados pela morte do menino Evandro. Celina, esposa do ex-prefeito de Guaratuba, aparece ao final do episódio durante uma entrevista cedida a Mira Graçano (jornalista da rede CNT) à época, em que relata à jornalista sobre o local em que as supostas torturas teriam ocorrido.

A questão intrigante neste episódio é que nos mais de 86 minutos de duração do episódio Elaine Sanches, a promotora responsável pelo arquivamento do inquérito da apuração das alegações de torturas, não aparece. Na descrição do episódio afirma-se que será apresentado os motivos que levaram o arquivamento do inquérito, mas pouco se fala sobre a responsável pelo ocorrido. Contudo, mesmo que a ausência da responsável pelo assunto a ser tratado, o episódio cumpre o objetivo de apresentar as questões relacionadas às alegações.

4.3.4 O episódio 24

“Ao andar por Guaratuba nos dias de hoje, muito habitante ainda tem lembranças sobre o caso. Como que eles relatam o que viram e viveram? E como que entrou em cena uma nova testemunha de acusação em Outubro de 1997?” Desta forma, Ivan descreve o conteúdo do último episódio da parte 4, chamado de “Um Dia em Guaratuba”, publicado no dia 19 de junho de 2019 com 01h38 minutos de duração.

Foi em dezembro de 2016 que Ivan Mizanzuk passou um dia em Guaratuba para coletar relatos de moradores e outros personagens específicos que seriam importantes na construção da narrativa de como foi o caso na época. Por isso, Ivan conversou com Dirceu, um morador da cidade que reside próximo ao local onde o corpo de Evandro Ramos Caetano foi encontrado, assim como com sua mãe, Terezinha Norberto dos Santos, funcionária da serraria Abagge. Outro relato coletado por Ivan foi o de Jorge Juliano Peres, um pescador e pedreiro, que morava perto da antiga serraria Abagge. Edésio, outro personagem que foi testemunha de acusação de Celina e Beatriz Abagge, não aceitou gravar entrevista, mas relatou algumas questões para Ivan.

4.3.5 O episódio 25

No dia de 10 de março de 2020, após uma pausa de quase 9 meses, o Projeto Humanos lançou o primeiro (e último episódio, até o fechamento desta monografia) da quinta parte do Caso Evandro. Intitulado "Sete Segundos" em alusão a diferença de tempo entre o áudio da fita anexada no inquérito e do áudio de uma fita que Ivan recebeu de uma fonte que prefere não se identificar, o episódio tem duração de 02h20 minutos e mostra a reviravolta no caso. É neste episódio que o *host* do podcast se retrata sobre informações equivocadas de outros episódios e admite que "daria sua opinião" sobre o caso "somente ao fim da história", mas que foi totalmente necessário dá-la neste episódio.

O episódio dá destaque para os novos materiais sobre o caso, principalmente as fitas das confissões de Osvaldo Marcineiro, Davi dos Santos Soares, Vicente de Paula e Beatriz Abagge, assim como a leitura de matérias divulgadas na época e trechos de depoimentos anexados no inquérito. O episódio 25 apresenta, em diversos momentos, um posicionamento bem claro do locutor sobre o caso e suas percepções e impressões sobre as confissões dos condenados pelo desaparecimento e assassinato de Evandro Ramos Caetano.

4.4 A ANÁLISE CATEGORIAL DOS EPISÓDIOS SELECIONADOS

Do ponto de vista de Lage (2014, p. 49), são poucos os produtos jornalísticos que se originam apenas da observação direta. “A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público.” Por este motivo, as fontes exercem um papel fundamental nas matérias jornalísticas pois são detentoras das informações que o repórter necessita.

Quanto às fontes, no presente trabalho, serão analisados dois aspectos: a natureza das fontes e a apuração das informações obtidas. Quanto à natureza, será levada em consideração a classificação de Lage (2014, p. 65), em que o autor classifica as fontes como primárias e secundárias. De acordo com ele, as primárias “são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números”. Já as secundárias são utilizadas para apresentar um contexto ambiental ou para afirmar questões genéricas.

Outro aspecto a ser considerado é a apuração realizada por Ivan Mizanzuk na construção da quarta temporada do Projeto Humanos. Esta categoria será essencial para compreendermos se o Caso Evandro é resultado de uma apuração jornalística com elementos históricos ou se é apenas um resgate de personagens e depoimentos dados sobre o assunto. Por isso, dividiremos pelas seguintes subcategorias: entrevistas in loco (em que o narrador está junto a fonte); declarações e depoimentos retirados de arquivos documentais (ou seja, julgamentos, inquéritos e fitas); declarações em espaços jornalísticos (entrevistas dadas aos órgãos de imprensa da época).

A edição também está inserida na análise do presente trabalho. Será a partir dela que buscaremos compreender as características presentes na construção de cada episódio analisado. Os tópicos a serem explorados são: mapa de edição (a forma com que o episódio é construído); espaços de opinião (qual espaço é destinado para as percepções pessoais do *host* do podcast); e, por último o uso de trilhas e efeitos sonoros e quais impressões eles evocam.

4.4.1 Episódio 06: fontes e edição

A partir de agora, analisaremos aspectos envolvendo as fontes do episódio 06 a partir das categorias delimitadas anteriormente (tipo de fontes e apuração) e também a edição do material, utilizando as subcategorias: mapa de edição, uso de trilhas e efeitos sonoros e espaços de opinião.

4.4.1.1 As fontes do episódio 06

As fontes no episódio 06 exercem um papel fundamental no entendimento do cenário de Guaratuba na década de 90, período em que muitas crianças desapareceram no Paraná. No total, 12 fontes compõe este episódio, com destaque para o delegado Luis Carlos de Oliveira, designado para investigar o caso do desaparecimento de Leandro Bossi, após a prisão dos 7 acusados do caso Evandro; João Bossi, pai de Leandro Bossi; Carlos Roberto Bacila, ex-delegado Civil e Federal, fundador do SICRIDE²² e que esteve totalmente relacionado com as investigações do desaparecimento de crianças em Guaratuba na época; e Diógenes Caetano dos Santos Filho, primo de Evandro Ramos Caetano. Juntos, eles representam quase metade do episódio, contabilizando 51min57seg de depoimentos, entrevistas e relatos.

Seguindo a definição de Lage (2014), a classificação das fontes do episódio 06 se dá da seguinte forma:

Quadro 03 – Fontes do episódio 06

Fontes primárias	Fontes secundárias
Luis Carlos de Oliveira (delegado responsável pelo caso Leandro Bossi)	João Bossi (pai de Leandro Bossi, outra criança desaparecida em Guaratuba/PR)
Rogério Etzel (juiz do julgamento de 2004 e 2005)	Dulcineia Novaes (jornalista RPC)
Paulo Sérgio Markowicz de Lima (Promotor do Ministério Público do Paraná)	Carlos Roberto Bacila (ex-delegado Civil e Federal e fundador do SICRIDE)
Lúcia Inês Giacomitti Andrich (Promotora do Ministério Público do Paraná)	Mônica Santana (jornalista da F. de S. Paulo e Folha de Londrina)
Diógenes Caetano dos Santos Filho (primo de Evandro Ramos Caetano)	Ademir Bossi (irmão de Leandro Bossi)

²² Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas.

X	Vania Mara Welte (jornalista do Hora H)
X	Antonio Augusto Figueiredo Basto (advogado de defesa)

Fonte: Elaborado pela autora.

Entende-se que no episódio 06 são utilizadas 07 fontes secundárias que auxiliam o *host* do podcast na contextualização do caso de Leandro Bossi, apresentando os cenários da época, as situações relacionadas e os pontos em comum com o caso Evandro. Estas fontes não são consideradas primárias, visto que, mesmo que façam parte de um caso que tenha semelhanças, não estão totalmente relacionadas com Evandro. As fontes primárias deste episódio são os promotores do Ministério Público do Paraná, o juiz dos julgamentos de 2004 e 2005, o delegado responsável pelo caso Leandro Bossi, mas que tentou, em diversos momentos, interferir nas investigações do caso Evandro Ramos Caetano e, por último, Diógenes Caetano dos Santos Filho, primo de Evandro.

4.4.1.2 Fontes de apuração do episódio 06

Percebe-se que neste episódio há muitas fontes coletadas diretamente pelo *host* do podcast por meio de entrevistas realizadas junto à fonte, o que evidencia uma preocupação de relatos exclusivos para um episódio que envolve um caso que tem semelhanças com o de Evandro. Cerca de 29 minutos (o que representa quase 23% do tempo de duração do episódio) são de entrevistas coletadas por Ivan.

Quadro 04 – Fontes de apuração do episódio 06

Declarações e depoimentos retirados de arquivos	Declarações em veículos e espaços de jornalismo (recuperados)	Entrevistas feitas pelo <i>host</i> do podcast
Rogério Etzel (juiz)	Antonio Augusto Figueiredo Basto (advogado)	Diógenes Caetano dos Santos Filho (primo de Evandro)
Paulo Sérgio Markowicz (promotor)	Vania Mara Welte (jornalista)	João Bossi (pai de Leandro)

Lúcia Inês Giacomitti Andrich (promotora)	Dulcineia Novaes (jornalista)	Carlos Roberto Bacila (ex-delegado)
X	Luis Carlos de Oliveira (delegado)	Ademir Bossi (irmão de Leandro)
X	X	Mônica Santana (jornalista)
Total: 03	Total: 04	Total: 05

Fonte: Elaborado pela autora.

É notório que no episódio 06 há uma preocupação de Ivan em resgatar trechos de matérias veiculadas na época, assim como depoimentos de julgamentos. Contudo, o episódio é marcado por 5 entrevistas in loco, o que demonstra um trabalho de apuração essencial, visto que o objetivo não era apenas recuperar as questões sobre o desaparecimento de Leandro, mas a ligação e semelhanças do caso com o de Evandro.

4.4.1.3 Mapa de edição do episódio 06

O episódio destina 20 minutos para trechos dos julgamentos de 2004 e 2005, pouco mais de 2 minutos para trechos da entrevista de Antonio Augusto Figueiredo Basto e Luis Carlos de Oliveira no Programa Jogo Limpo, quase 13 minutos para a leitura de matérias dos jornais Hora H e Folha de São Paulo, veiculadas na época, bem como 7 minutos para trechos do livro "A verdadeira história do Caso Evandro" de Diógenes Caetano dos Santos Filho.

Para as entrevistas in loco, o sexto episódio do Caso Evandro destina mais de 14 minutos para João Bosi, pai de Leandro, cerca de 07 minutos para Bacila, ex-delegado Civil e Federal, quase 3 minutos para entrevista com a jornalista Mônica Santana, à época atuando na Folha de S. Paulo, 1 minuto para o irmão de Leandro Bossi, em que faz um apelo sobre as crianças desaparecidas no Paraná e aproximadamente 3 minutos para o relato de Diógenes Caetano dos Santos Filho.

Cerca de 24 minutos do episódio são reservados para o locutor contextualizar personagens, o enredo político da época, o cenário de desaparecimento de crianças no Paraná na década de 90, além de traçar uma linha do tempo do dia do desaparecimento de Evandro Ramos Caetano até a relação com o caso de Leandro Bossi.

Quadro 05 - Mapa de edição do sexto episódio

Etapas	Tempo
Recado inicial do <i>host</i> do podcast	Início, consome cerca de 3 minutos
Retomada dos episódios anteriores	Início, consome cerca de 2min30seg
Trilha de abertura com apresentação do Projeto Humanos	Início, consome em média 33 segundos
Apresentação do <i>host</i> do podcast	Início, consome cerca de 14 segundos
Contextualização do <i>host</i> do podcast	Durante todo o episódio, consome cerca de 24 minutos
Trechos do julgamento de 2004 e 2005	Pouco mais de 20 minutos
Entrevista do advogado de defesa e delegado no Programa Jogo Limpo	Aproximadamente 2 minutos
Leitura de trecho da matéria do Jornal Hora H	Cerca de 6 minutos
Leitura de trecho da matéria da Folha de São Paulo sobre o desaparecimento de Leandro	Cerca de 3 minutos
Leitura de trecho da matéria do Jornal Hora H sobre o desaparecimento de Leandro	Aproximadamente 1 minuto
Leitura de trecho da matéria da Folha de São Paulo sobre o DNA de Leandro	Aproximadamente 3 minutos
Bate-papo do <i>host</i> do podcast com a jornalista Mônica Santana	Quase 3 minutos
Bate-papo do <i>host</i> do podcast com Carlos Roberto Bacila	Em média 7 minutos
Bate-papo do <i>host</i> do podcast com João Bosi	Em média 14 minutos
Apelo de Ademir Bossi	Ao fim do episódio, aproximadamente 1 minuto
Leitura do trecho do livro "A verdadeira história do Caso Evandro"	Pouco mais de 7 minutos
Bate-papo do <i>host</i> do podcast com Diógenes Caetano dos Santos Filho	Cerca de 3 minutos
Apresentação do próximo episódio	Ao final, consome cerca de 30 segundos
Apresentação do Projeto Humanos	Ao final, consome cerca de 2min30seg

Fonte: Elaborado pela autora.

Como percebemos, esse episódio é marcado pela suspeita do desaparecimento de Leandro Bossi e qual a ligação desse caso com o de Evandro. Para tal, destina-se grande parte do tempo para o resgate de trechos das matérias veiculadas na imprensa na época e do livro de Diógenes, além dos depoimentos dos julgamentos de 2004 e 2005. Outro destaque é para a contextualização (do cenário na época, de personagens e informações complementares) que toma de 18% do tempo deste episódio. Quase 22% do episódio é composto pelas entrevistas realizadas pelo *host* do podcast, ou seja, de depoimentos de Ademir Bossi, Carlos Roberto Bacila, Diógenes Caetano dos Santos Filho, João Bossi e Mônica Santana.

4.4.1.4 A opinião no episódio 06

Constate-se opinião em aproximadamente 6% do tempo total do episódio. De forma breve, Ivan se posiciona em relação ao assunto, faz sua própria análise sobre o que está sendo citado (com base nos documentos e informações apuradas) e esboça ter muitas dúvidas sobre diversas questões. Frases como "eu não tive como verificar", "deixo que vocês tirem suas próprias conclusões", "eu não consigo imaginar", "eu suponho com certa segurança" e "ao meu ver, se sou eu que estou investigando" simbolizam alguns dos trechos em que o *host* do podcast se posiciona sobre algum assunto.

Quadro 06 – Os espaços de opinião no sexto episódio

Tempo	Opinião
Cerca de 6 segundos	Avalia as informações do Jornal Hora H
Cerca de 1 minuto	Se exime da responsabilidade sobre as datas expressas por João Bossi
Cerca de 1 minuto	Expõe sua percepção sobre a contestação dos laudos da ossada encontrada
Cerca de 17 segundos	Problematização sobre o fato de Luis Carlos de Oliveira não presidir as investigações do Caso Evandro, mas estar totalmente envolvido com isso
Cerca de 50 segundos	Avalia sobre os desencontros de datas
Cerca de 36 segundos	Percepção sobre as investigações do caso de Leandro e Evandro

Cerca de 16 segundos	Define o trecho do julgamento como uma "maluquice"
Cerca de 1 minuto	Percepção sobre as atitudes dos promotores durante o julgamento
Cerca de 1 minuto	Avalia as fotos dos laudos
Cerca de 1 minuto	Avalia as características de Luis Carlos de Oliveira e a ossada encontrada
Cerca de 10 segundos	Questiona a estratégia da promotoria no julgamento
Cerca de 44 segundos	Reflete sobre a dor de João Bosi pelo desaparecimento de Leandro

Fonte: Elaborado pela autora.

4.4.1.5 Trilhas e efeitos sonoros do episódio 06

O episódio 06 é marcado por 9 trilhas diferentes. A primeira, que se repete ao final, é responsável por criar uma expectativa no ouvinte, por isso, destaca-se um tom de dramaticidade, característica predominante em todo o episódio. A segunda trilha surge aos 13 minutos, mas se repete em outros momentos durante o episódio. Assim como a primeira, ela também traz a percepção de drama e é normalmente utilizada, neste episódio, quando o pai de Leandro faz algum relato emocionado, quando Ivan fala sobre a ossada de uma menina encontrada em Guaratuba e sobre o inquérito do caso. Outra trilha bastante predominante aparece aos 16 minutos e, assim como a segunda, está em diversos momentos do episódio, no entanto, evocando suspense. O *host* do podcast utiliza esta trilha ao fazer a leitura dos trechos dos jornais, em alguns momentos do julgamento, bem como quando cita a intriga entre Diógenes e João Bossi. A terceira trilha assemelha-se a segunda e também evoca mistério e aflição, por isso é utilizada nos momentos que Ivan fala sobre as reviravoltas do caso e a chegada do "suposto Leandro".

Os efeitos sonoros são bastante limitados no sexto episódio e aparecem para cumprir o papel de transição na linha do tempo que Ivan cria para delinear e contextualizar o caso, junto de duas trilhas distintas que também fazem alusão ao tempo.

As últimas trilhas que estão no encerramento do episódio se diferem das demais, mas também evocam as mesmas sensações: suspense e drama.

4.4.2 Episódio 12: fontes e edição

A partir de agora realizaremos a análise do episódio 12 a partir dos critérios estabelecidos (fontes, fontes de apuração, mapa de edição, espaços de opinião e uso de trilhas e efeitos sonoros). Este episódio é o fechamento da parte 2 do Caso Evandro e tem cerca de 81 minutos.

4.4.2.1 As fontes do episódio 12

O principal objetivo do episódio 12 é delinear o contexto das acusações, prisões e confissões dos envolvidos no caso Evandro Ramos Caetano. Por isso, Ivan se limitou a reproduzir os trechos dos depoimentos de Airton Bardelli e Francisco Sérgio Cristofolini no julgamento de 2004 e 2005, em que ambos, não confessaram o crime, mas deram informações importantes sobre o caso. No total, sete fontes compõem este episódio.

Quadro 07 – Fontes do episódio 12

Fontes primárias	Fontes secundárias
Oswaldo Marcineiro (leitor de búzios e um dos acusados pela morte de Evandro Ramos Caetano)	Haroldo César Nater (advogado de defesa)
Rogério Etzel (juiz nos julgamentos de 2004 e 2005)	X
Francisco Sérgio Cristofolini (vizinho de Oswaldo Marcineiro e um dos acusados pela morte de Evandro Ramos Caetano)	X
Airton Bardelli (gerente da serraria Abagge e um dos acusados pela morte de Evandro Ramos Caetano)	X
Beatriz Abagge (filha do prefeito Aldo Abagge e uma das acusadas pela morte de Evandro Ramos Caetano)	X
Valdir Copetti Neves (Capitão do Grupo ÁGUIA)	X

Fonte: Elaborado pela autora.

Como verificado, a maioria das fontes do episódio 12 são fontes primárias, o que para Lage (2014), significam fontes principais que fornecem ao repórter informações essenciais. Neste caso, seis fontes estão diretamente ligadas ao caso, enquanto apenas uma - o advogado de defesa - pode ser considerado fonte secundária. O baixo número de fontes secundárias é justificável visto o objetivo do episódio, que é centralizar as atenções somente a dois acusados, sem ser totalmente necessário expressar e esboçar o contexto e cenário da época.

4.4.2.2 Fontes de apuração do episódio 12

Como visto anteriormente, o objetivo do episódio é delinear os motivos que levaram Cristofolini e Bardelli terem seu envolvimento no caso questionado. Por isso, a apuração se limitou a recuperar trechos de depoimentos de arquivos oficiais e de documentos, ou seja, dos julgamentos de 2004 e 2005. Na abertura do episódio, Ivan recupera uma declaração de Osvaldo Marcineiro em uma coletiva de imprensa da época.

Quadro 08 – Fontes de apuração do episódio 12

Declarações e depoimentos retirados de arquivos	Declarações em veículos e espaços de jornalismo (recuperados)	Entrevistas feitas pelo <i>host</i> do podcast
Francisco Sérgio Cristofolini (acusado)	Osvaldo Marcineiro (acusado)	X
Rogério Etzel (promotor)	X	X
Beatriz Abagge (acusada)	X	X
Airton Bardelli (acusado)	X	X
Haroldo César Narter (advogado)	X	X
Valdir Copetti Neves (Grupo ÁGUIA)	X	X
Total: 06	Total: 01	Total: 00

Fonte: Elaborado pela autora.

É nítido que este episódio enquadra uma recuperação de declarações das fontes envolvidas.

Não foi realizada nenhuma entrevista exclusiva por Ivan e trechos dos julgamentos e de uma coletiva de imprensa representam quase 60% do tempo total do episódio.

4.4.2.3 Mapa de edição do episódio 12

Na fase inicial do episódio, o *host* do podcast faz uma retomada dos episódios anteriores, apresenta o podcast, assim como no episódio 06. Logo no início, Ivan recupera um trecho da coletiva de imprensa dada por Osvaldo Marcineiro, o que ocupa pouco mais de 1 minuto. Durante todo o episódio, Ivan retoma trechos do julgamento de Sérgio Cristofolini, o que dura 16 minutos, e trechos do julgamento de Airton Bardelli, que preenche mais de 24 minutos. Cerca de 15 minutos, ou seja, 18% do episódio, são utilizadas pelo *host* do podcast para contextualizar o caso, personagens e situações específicas.

Outras declarações como de Beatriz Abagge (21 segundos) e Valdir Copetti Neves (4min12seg) também estão presentes na edição deste episódio. Em média 2 minutos são destinados para a recuperação de matérias veiculadas na televisão na época, 30 segundos para a leitura de um trecho do depoimento de Bardelli e 40 segundos para leitura de uma matéria do jornal Diário Popular. O final consome cerca aproximadamente 3 minutos e faz uma apresentação do que o próximo episódio irá contemplar e sobre o Projeto Humanos.

Quadro 09 – Mapa de edição do décimo segundo episódio

Etapas	Tempo
Trilha de abertura com apresentação do Projeto Humanos	Início, consome em média 33 segundos
Retomada dos episódios anteriores	Início, consome cerca de 1min38seg
Apresentação do <i>host</i>	Início, cerca de 14 segundos
Contextualização do <i>host</i> do podcast	Durante todo o episódio, consome cerca de 15 minutos
Trechos da coletiva de Osvaldo Marcineiro	Pouco mais de 1 minuto
Trechos do julgamento de Sérgio Cristofolini	Aproximadamente 16 minutos
Trechos do julgamento de Airton Bardelli	Pouco mais de 24 minutos
Trechos de declarações de Beatriz Abagge	Aproximadamente 21 segundos

Recuperação de matérias da televisão da época	Cerca de 2 minutos
Leitura de trecho do depoimento de Bardelli	Cerca de 30 segundos
Leitura de trecho da matéria do jornal Diário Popular	Cerca de 40 segundos
Trecho do julgamento de Valdir Copetti Neves	Aproximadamente 4min12seg
Apresentação do próximo episódio	Ao final, consome cerca de 15 segundos
Apresentação do Projeto Humanos	Ao final, consome cerca de 2min40seg

Fonte: Elaborado pela autora.

Fica evidente que toda a narrativa do episódio gira em torno das declarações de Cristofolini e Bardelli que, juntas, representam mais de metade do episódio. Outros 18% são destinados para contextualização, enquanto outras declarações como de Beatriz e Valdir Copetti Neves e a recuperação de matérias veiculadas na época ocupam cerca de 8% do episódio.

4.4.2.4 A opinião no episódio 12

Ao contrário do episódio 06, em que o *host* do podcast se posiciona em cerca de 6% do tempo total, neste Ivan opina em cerca de 10% do episódio. Em diversos momentos, mas de forma muito breve, o locutor avalia a forma com que a imprensa cobriu o Caso Evandro na época, questiona a posição do interrogador do julgamento e dá suas percepções sobre o caso e sobre os supostos envolvidos. Em alguns momentos, Ivan se exime de responsabilidade, dizendo que "é apenas uma especulação sua" e que "se me perguntarem a ele se os sete são culpados..." ele não sabe responder.

Quadro 10 – Os espaços de opinião no décimo segundo episódio

Tempo	Opinião
Cerca de 23 segundos	Sobre a relação da mãe de Sérgio com Osvaldo
Cerca de 27 segundos	Em referência as anotações de Osvaldo
Aproximadamente 2 minutos	Sobre a forma como a imprensa cobriu os fatos na

	época
Aproximadamente 1min20seg	Sobre o interrogatório sobre ter sido feito um ritual de magia negra
Cerca de 10 segundos	Se colocando no papel de interrogador
Cerca de 37 segundos	Avaliando o fato de Bardelli e Cristofolini terem sido absolvidos
Cerca de 3 segundos	Questionando a posição do advogado de defesa
Cerca de 25 segundos	Suas percepções sobre a posição de Cristofolini no julgamento
Aproximadamente 35 segundos	Os fatores que podem ter levado a absolvição de Cristofolini e Bardelli
Aproximadamente 2 minutos	Percepções do <i>host</i> do podcast sobre os culpados pela morte de Evandro
Aproximadamente 10 segundos	Faz juízo de valor sobre a estranheza da ordem dos advogados das Abagge

Fonte: Elaborado pela autora.

4.4.2.5 Trilhas e efeitos sonoros do episódio 12

Diferente do episódio 06, este episódio não utiliza muitas trilhas diferentes. No total, foram empregadas quatro trilhas que evocam mistério, drama e expectativa. A primeira, que se repete ao final, é responsável por criar uma expectativa no ouvinte, por isso, destaca-se um tom de dramaticidade, característica predominante em todo o episódio. A segunda surge logo em seguida, aos 3 minutos, e é utilizada para apresentar um contexto. A mesma se repete no minuto 38, quando Ivan inicia a contextualização das declarações de Bardelli. A terceira, que evoca suspense e mistério, é empregada nos momentos de tensão dos julgamentos de Bardelli e Cristofolini. A quarta trilha é a que mais se repete e transmite a sensação de drama, sendo utilizada em momentos mais delicados do episódio, como o desentendimento de Cristofolini sobre o caso e determinados trechos de Bardelli.

Os efeitos sonoros também são limitados neste episódio. Somente um, ao fim do episódio, é utilizado logo após o trecho de Valdir Copetti Neves e antes do *host* do podcast opinar sobre os culpados. O efeito transmite uma sensação de sufoco e abafamento.

4.4.3 Episódio 16: fontes e edição

A partir de agora realizaremos a análise do episódio 16 a partir dos critérios estabelecidos (fontes, fontes de apuração, mapa de edição, espaços de opinião e uso de trilhas e efeitos sonoros). Este episódio é o fechamento da parte 3 do Caso Evandro e tem cerca de 86 minutos.

4.4.3.1 As fontes do episódio 16

O principal objetivo do episódio 16 é compreender o motivo do arquivamento do inquérito das alegações de tortura. Por este motivo, o *host* do podcast faz um apanhado de declarações dos acusados pelo crime: Osvaldo Marcineiro, Davi dos Santos Soares, Celina Abagge e Beatriz Abagge. Trechos do Relatório Tortura Nunca Mais, elaborado por Isabel Kugler Mendes, foram utilizados na contextualização do caso, assim como depoimentos do médico que atendeu Celina e Beatriz após as prisões, bem como dos advogados de defesa.

Quadro 11 – Fontes do episódio 16

Fontes primárias	Fontes secundárias
Osvaldo Marcineiro (leitor de búzios e um dos acusados pela morte de Evandro Ramos Caetano)	Álvaro Borges Junior (advogado de defesa)
Rogério Etzel (juiz nos julgamentos de 2004 e 2005)	Acemar Silva (médico que atendeu Celina e Beatriz Abagge após as prisões)
Isabel Kugler Mendes (responsável pela elaboração dos dossiês sobre alegações de torturas)	Osmann de Oliveira (advogado de defesa no júri de 1998)
Paulo Sérgio Markowicz de Lima (promotor do Ministério Público do Paraná)	Haroldo César Nater (advogado de defesa)
Davi dos Santos Soares (artesão de Guaratuba e um dos acusados pela morte de Evandro Ramos Caetano)	José Maria de Paula Correia (delegado geral da Polícia Civil do PR em 1992)
Luiz Carlos de Oliveira (delegado responsável pela investigação de Leandro Bossi)	Mira Graçano (jornalista da rede CNT)
Diógenes Caetano dos Santos Filho (primo)	X

de Evandro Ramos Caetano)	
Celina Abagge (primeira-dama de Guaratuba em 1992 e uma das acusadas pela morte de Evandro Ramos Caetano)	X
Beatriz Abagge (filha do prefeito Aldo Abagge e uma das acusadas pela morte de Evandro Ramos Caetano)	X
Lúcia Inês Giacomitti Andrich (promotora do Ministério Público do Paraná)	X
Antonio Cesar Cioffi de Moura (promotor designado para o caso Evandro após as prisões dos acusados)	X

Fonte: Elaborado pela autora.

Nota-se que este episódio apresenta um grande número de fontes: 17 no total. Entretanto, seis podem se consideradas fontes contextualizadoras das alegações de tortura feitas pelos acusados. Mira Graçano, jornalista da rede CNT, entrevistou Celina Abagge, o que rendeu declarações pertinentes para a compreensão do caso, assim como o médico que atendeu Beatriz e Celina, após as prisões, em que relata indícios de tortura.

4.4.3.2 Fontes de apuração do episódio 16

Por envolver um grande número de fontes primárias, Ivan destina cerca de 44% do episódio para reprodução de depoimentos retirados de arquivos, como julgamentos e inquéritos, visto que as declarações das fontes são fundamentais na construção da narrativa sobre as alegações de tortura. Neste episódio, assim como no episódio 12, não foi realizada nenhuma entrevista pelo *host* do podcast.

Quadro 12 – Fontes de apuração do episódio 16

Declarações e depoimentos retirados de arquivos	Declarações em veículos e espaços de jornalismo (recuperados)	Entrevistas feitas pelo <i>host</i> do podcast
Oswaldo Marcineiro (acusado)	Celina Abagge (acusada)	X

Isabel Kugler Mendes (responsável pela elaboração dos dossiês)	X	X
Antonio Cesar Cioffi de Moura (promotor)	X	X
Acemar Silva (médico)	X	X
Osmann de Oliveira (advogado)	X	X
Davi dos Santos Soares (acusado)	X	X
Rogério Etzel (juiz)	X	X
Luiz Carlos de Oliveira (delegado)	X	X
José Maria de Paula Correia (delegado)	X	X
Beatriz Abagge (acusada)	X	X
Diógenes Caetano dos Santos Filho (primo de Evandro Ramos Caetano)	X	X
Total: 11	Total: 01	Total: 00

Fonte: Elaborado pela autora.

Constata-se que o episódio é somente uma recuperação de arquivos documentais (julgamento, depoimentos, relatórios e declarações oficiais) e arquivos jornalísticos (entrevista da época), o que representa cerca de metade do tempo do episódio.

4.4.3.3 Mapa de edição do episódio 16

O *host* do podcast abre o episódio com um recado sobre a produção dos próximos episódios, recapitulando o episódio anterior e apresentando o Projeto Humanos, reforçando a necessidade de ouvir todos os episódios na sequência. Para a contextualização do caso, de personagens e dos fatos, Ivan destina quase 27% do tempo total. Durante todo o episódio, Ivan retoma trechos do julgamento de Osvaldo Marcineiro, o que dura mais de 15 minutos, e trechos do julgamento de Davi dos Santos Soares, o que dura 8 minutos, aparentemente os dois personagens centrais deste episódio.

O testemunho de Celina Abagge, ao final do episódio, é um dos conteúdos mais marcantes do episódio, tendo duração de 6 minutos. As declarações de Beatriz Abagge, José Maria de Paula Correia, Álvaro Borges Jr., Isabel Kugler Mendes, Rogério Etzel, Luis Carlos de Oliveira e Diógenes Caetano dos Santos Filho, somadas, consomem pouco mais de 10% do tempo total. Em média 6 minutos é destinado para a recuperação de depoimentos de Antonio Cesar Cioffi de Moura, Acemar Silva, Osmann de Oliveira e para a leitura de um trecho do livro "A verdadeira história do Caso Evandro", de Diógenes Caetano dos Santos Filho, e do laudo de Osvaldo Marcineiro.

O final consome cerca aproximadamente 3 minutos e faz uma apresentação do que o próximo episódio irá contemplar e informações sobre o Projeto Humanos.

Quadro 13 – Mapa de edição do décimo sexto episódio

Etapas	Tempo
Recado inicial do <i>host</i> do podcast	Início, consome cerca de 37 segundos
Retomada dos episódios anteriores	Início, consome cerca de 1min30seg
Trilha de abertura com apresentação do Projeto Humanos	Início, consome em média 33 segundos
Apresentação do <i>host</i> do podcast	Início, consome cerca de 14 segundos
Contextualização do <i>host</i> do podcast	Durante todo o episódio, consome cerca de 23 minutos
Trechos do julgamento de Osvaldo Marcineiro	Cerca de 15min40seg
Leitura de declaração de Antonio Cesar Cioffi de Moura	Em média 30 segundos
Leitura de declaração de Acemar Silva	Em média 15 segundos
Leitura de declaração de Osmann de Oliveira	Cerca de 1min20seg
Trechos de declarações de Isabel Kugler Mendes	Cerca de 3 minutos
Leitura do laudo de Osvaldo Marcineiro	Aproximadamente 1 minuto
Trechos do julgamento de Davi dos Santos Soares	Aproximadamente 8 minutos
Declarações de Rogério Etzel no julgamento	Cerca de 1min44seg
Declarações de Álvaro Borges Jr. no julgamento	Cerca de 30 segundos

Leitura de trecho do livro "A verdadeira história do Caso Evandro"	Aproximadamente 3 minutos
Declarações de Luis Carlos de Oliveira	Pouco mais de 1 minuto
Depoimento de José Maria de Paula Correia	Cerca de 20 segundos
Entrevista de Celina Abagge para a jornalista Mira Graçano da rede CNT	Cerca de 6 minutos
Trecho de julgamento de Beatriz Abagge	Cerca de 50 segundos
Depoimento de Diógenes Caetano dos Santos Filho	Ao final, consome cerca de 1min30seg
Apresentação do próximo episódio	Ao final, consome cerca de 33 segundos
Apresentação do Projeto Humanos	Ao final, consome cerca de 2min34seg

Fonte: Elaborado pela autora.

É notória a preocupação de Ivan em contextualizar o assunto e compilar os depoimentos daqueles que alegaram sofrer torturas para confessar o crime, por isso destina aproximadamente 30 minutos para as declarações de Beatriz, Celina, Davi e Osvaldo. O episódio também é marcado pela leitura de declarações que estão somente em documentos impressos e que não fizeram parte do julgamento.

4.4.3.4 A opinião no episódio 16

Em cerca de 14% do episódio o *host* do podcast esboça sua opinião. De forma breve, Ivan fala sobre a relação de Luis Carlos de Oliveira com a juíza do caso, sobre a inexistência de alguns materiais que possam comprovar se a casa em que ocorreram as supostas torturas era mesmo do pai de Diógenes Caetano dos Santos Filho e sobre como acha estranha a forma como Osvaldo Marcineiro age no julgamento.

Além disso, a opinião do *host* é bastante explícita quando ele delinea as problemáticas das acusações de tortura, assim como quando afirma que é comum sentir desconfiança dos acusados, visto as diversas mudanças de explicações no decorrer do tempo. Quando fala sobre os laudos de Bardelli e Cristofolini, Ivan tenta se eximir de responsabilidade, dizendo que está "dando os benefícios da dúvida" e afirma que "se eles foram realmente torturados, teríamos uma mistura de incompetência dos médicos, má instrução dos advogados, confiança exacerbada nas instituições e

talvez um acobertamento estatal dos abusados que foram cometidos".

Quadro 14 – Os espaços de opinião no décimo sexto episódio

Tempo	Opinião
Cerca de 47 segundos	Se exime de responsabilidade sobre as suas percepções
Aproximadamente 2 minutos	Delineia quais seriam suas decisões pessoais caso estivesse no júri do caso
Cerca de 52 segundos	Explica que não sabe qual é a versão verdadeira e que deixará para a audiência concluir
Cerca de 20 segundos	Evidencia que enxerga com estranheza o fato das Abagge serem instruídas a não falarem sobre as torturas
Pouco mais de 1 minuto	Supõe o motivo de Isabel dizer que não havia laudo das lesões corporais
Aproximadamente 3 minutos	Sobre os laudos de Bardelli e Cristofolini
Cerca de 10 segundos	Define a situação como bizarra
Cerca de 13 segundos	Sobre a forma que Osvaldo Marcineiro age no julgamento
Aproximadamente 45 segundos	Explica como ele acredita que os acusados compreendem as motivações da juíza
Cerca de 14 segundos	A relação da juíza com Luis Carlos de Oliveira
Aproximadamente 1min30seg	As problemáticas das alegações de tortura
Aproximadamente 44 segundos	A estranheza da fala de Davi
Cerca de 6 segundos	Sobre a inexistência de uma explicação de quem era a casa onde aconteceram as supostas torturas
Cerca de 1min40seg	Em relação a desconfiança dos acusados

Fonte: Elaborado pela autora.

4.4.3.5 Trilhas e efeitos sonoros do episódio 16

No total, foram empregadas seis trilhas que evocam drama e suspense. A primeira, que se repete ao final, é responsável por criar uma expectativa no ouvinte, por isso, destaca-se um tom de

dramaticidade, característica predominante em todo o episódio. A segunda surge logo em seguida, aos 4 minutos, e é utilizada para iniciar a contextualização dos fatos. A mesma se repete quase no minuto 15, fazendo um fechamento dos trechos do julgamento.

A terceira, que evoca drama, aparece nos momentos em que o assunto é a alegação de tortura, ou seja, após o trecho da entrevista de Celina Abagge e as questões acerca do caso. A quarta tem praticamente a mesma função da primeira, contudo, aparece no minuto 27 para fazer um encerramento da opinião do *host* sobre as torturas, assim como a quinta trilha que, ao evocar suspense, causa uma reflexão no ouvinte sobre as opiniões expressas naquele momento, repetindo-se posteriormente, pouco antes Celina Abagge detalhar sobre as torturas.

A última trilha, aparece nos minutos finais do episódio e é utilizada para dar intensidade na discussão de Lúcia Inês Giacomitti Andrich com Diógenes Caetano dos Santos Filho.

Os efeitos sonoros também são limitados neste episódio. Somente um, ao fim do episódio, é utilizado ao final do trecho da entrevista de Celina Abagge em que fala sobre a relação de Diógenes com a casa em que aconteceram as torturas. Este efeito esboça uma sensação de pavor.

4.4.4 Episódio 24: fontes e edição

A partir de agora realizaremos a análise do episódio 24 a partir dos critérios estabelecidos (fontes, fontes de apuração, mapa de edição, espaços de opinião e uso de trilhas e efeitos sonoros). Este episódio é o fechamento da parte 4 do Caso Evandro, tem cerca de 98 minutos e se refere a uma visita do *host* do podcast a Guaratuba atualmente, com o intuito de conversar com moradores e entender o que cada um lembra de um dos casos mais marcantes da cidade.

4.4.4.1 As fontes do episódio 24

Como o principal objetivo do *host* do podcast é delinear o cenário de Guaratuba hoje e como o caso Evandro ainda ocupa o imaginário dos moradores da cidade, Ivan se limitou a conversar com pessoas que se lembram do caso e que tiveram alguma participação, como Edésio da Silva, testemunha de acusação, e Jorge Juliano Peres, pescador que afirma ter encontrado uma sacola no rio com pedaços de um corpo que poderia ser de Evandro Ramos Caetano. Teresinha Norberto Santos e um pescador (que não foi identificado no episódio) auxiliam na compreensão de

como as pessoas enxergaram o caso na época. Ao total, o episódio conta com seis fontes.

Quadro 15 – Fontes do episódio 24

Fontes primárias	Fontes secundárias
Diógenes Caetano dos Santos Filho (primo de Evandro Ramos Caetano)	Teresinha Norberto Santos (antiga funcionária da Serraria Abagge)
Jorge Juliano Peres (pescador)	Antonio Augusto Figueiredo Basto (advogado de defesa)
Edésio da Silva (testemunha de acusação)	Pescador (não identificado)

Fonte: Elaborado pela autora.

Há uma equiparidade no número de fontes primárias e secundárias. Embora o episódio tenha o objetivo de traçar o cenário de Guaratuba, o *host* do podcast preocupou-se em entrevistar pessoas estratégicas e que poderiam contribuir com bons relatos sobre o caso.

4.4.4.2 Fontes de apuração do episódio 24

Como ressaltado anteriormente, o *host* do podcast visitou Guaratuba em dezembro de 2016 e, além de coletar informações importantes para o desenvolvimento da quarta temporada do Projeto Humanos, também entrevistou alguns personagens importantes para compreendermos como o caso Evandro é lembrado pelos moradores da cidade mesmo 28 anos depois.

Quadro 16 – Fontes de apuração do episódio 24

Declarações e depoimentos retirados de arquivos	Declarações em veículos e espaços de jornalismo (recuperados)	Entrevistas feitas pelo <i>host</i> do podcast
Antonio Augusto Figueiredo Basto (advogado de defesa)	X	Edésio da Silva (testemunha de acusação)
Jorge Juliano Peres (pescador)	X	Pescador (não identificado)
Edésio da Silva (testemunha de acusação)	X	Jorge Juliano Peres (pescador)

X	X	Diógenes Caetano dos Santos Filho (primo de Evandro Ramos Caetano)
X	X	Teresinha Norberto Santos (antiga funcionária da Serraria Abagge)
Total: 03	Total: 00	Total: 05

Fonte: Elaborado pela autora.

Como visto, este episódio destina um largo espaço para entrevistas realizadas in loco que, somadas, representam cerca de 60% do episódio. No caso do pescador Jorge Juliano Peres e da testemunha Edésio da Silva, embora tenham cedido entrevista a Ivan, o *host* recupera trechos de suas declarações no inquérito.

4.4.4.3 Mapa de edição do episódio 24

O *host* do podcast abre o episódio com um recado sobre a produção dos próximos episódios, recapitulando o episódio anterior e apresentando o Projeto Humanos, reforçando a necessidade de ouvir todos os episódios na sequência. Para a contextualização do local, dos personagens e dos fatos o *host* ocupa cerca de 16% do episódio, destacando, principalmente, os momentos que faz os relatos in loco em Guaratuba.

As entrevistas realizadas por Ivan com Teresinha, Diógenes, Jorge e com um pescador de Guaratuba não identificado consomem praticamente 1 hora do episódio e são intercaladas com provocações do *host* e respostas dos entrevistados. Neste episódio, são recuperados poucos materiais da imprensa e dos arquivos judiciais e, somados, eles representam aproximadamente 6% do tempo total do episódio.

O final consome cerca aproximadamente 4 minutos e faz uma apresentação do que o próximo episódio irá contemplar e informações sobre o Projeto Humanos.

Quadro 17 – Mapa de edição do vigésimo quarto episódio

Etapas	Tempo
--------	-------

Recado inicial do <i>host</i> do podcast	Início, consome cerca de 03min35seg
Retomada dos episódios anteriores	Início, consome cerca de 1min24seg
Trilha de abertura com apresentação do Projeto Humanos	Início, consome em média 33 segundos
Apresentação do <i>host</i> do podcast	Início, consome cerca de 14 segundos
Contextualização do <i>host</i> do podcast	Durante todo o episódio, consome em média 16min07seg
Entrevista realizada com Teresinha, funcionária da Serraria Abagge	Cerca de 11 minutos
Entrevista realizada com Diógenes, primo de Evandro Ramos Caetano	Aproximadamente 10 minutos
Entrevista com um pescador de Guaratuba não identificado pelo <i>host</i> do podcast	Aproximadamente 11min46seg
Reprodução de matéria da imprensa	Cerca de 30 segundos
Entrevista realizada com Jorge Peres	Cerca de 26min20seg
Leitura de declaração de Antonio Augusto Figueiredo Basto	Em média 1 minuto
Leitura de declaração de Jorge Peres	Cerca de 1min10seg
Leitura de matéria do jornal Tribuna do Paraná	Aproximadamente 1min05seg
Leitura de depoimento de Edésio da Silva	Aproximadamente 2 minutos
Apresentação do próximo episódio	Ao final, consome cerca de 1 minuto
Apresentação do Projeto Humanos	Ao final, consome cerca de 3 minutos

Fonte: Elaborado pela autora.

É nítida a predominância de declarações exclusivas obtidas por Ivan por meio de entrevistas no local. No caso de Edésio da Silva, Ivan precisou contextualizar e explicar as informações obtidas, pois ele se negou a gravar entrevista. O diferencial do episódio em comparação aos demais é que é possível se sentir dentro da narrativa que se desenrola em Guaratuba, já que quase todo o episódio é feito lá, com entrevistas, relatos e percepções pessoais de Ivan.

4.4.4.4 A opinião no episódio 24

A opinião do *host* do podcast está presente em somente 4% do episódio. De forma breve, Ivan fala sobre as suas impressões sobre os relatos de quem conversou em Guaratuba e sobre as questões mas que chamaram sua atenção na visita a Serraria Abagge atualmente. O *host* também faz juízo de valor e questiona a veracidade das declarações de Edésio da Silva. Em determinado momento do episódio, Ivan ressalta que não irá opinar e nem interromper os depoimentos porque tem o objetivo de apenas expressar as percepções de quem vive em Guaratuba e lembra do caso.

Quadro 18 – Os espaços de opinião no vigésimo quarto episódio

Tempo	Opinião
Cerca de 41 segundos	Impressões sobre o relato de Teresinha, funcionária da Serraria Abagge
Aproximadamente 8 segundos	Sobre os fatores que chamam atenção na Serraria
Aproximadamente 20 segundos	Acerca da veracidade das declarações de Edésio
Cerca de 56 segundos	O interesse das fontes em ceder entrevistas
Cerca de 31 segundos	Suas percepções sobre Jorge Peres
Aproximadamente 1 minuto	As questões que o surpreende sobre sua visita a Guaratuba
Cerca de 16 segundos	O sentimento de passar na rua da antiga casa da família Abagge

Fonte: Elaborado pela autora.

4.4.4.5 Trilhas e efeitos sonoros do episódio 24

No total, foram empregadas seis trilhas que evocam drama, suspense e mistério. A primeira, que se repete ao final, é responsável por criar uma expectativa no ouvinte, por isso, destaca-se um tom de dramaticidade, característica predominante em todo o episódio. Esta mesma trilha também se repete no minuto 35, após sua opinião sobre o relato de Teresinha. A segunda surge aos 7 minutos e é utilizada para evocar uma sensação de suspense. A terceira trilha também evoca suspense e surge aos 19 minutos.

A quarta e quinta trilha evocam drama e aparecem em momentos em que os relatos dos entrevistados são emocionados, assim como quando Ivan opina sobre o cenário da Serraria Abagge

hoje. A última trilha surge após a leitura da declaração de Edésio da Silva e transmite uma sensação de mistério acerca da sua fala.

Os efeitos sonoros também são limitados neste episódio. Somente um, no início do episódio, é utilizado durante uma declaração de Diógenes Caetano dos Santos Filho, censurando alguns nomes citados por eles, mas que não constam no inquérito do caso Evandro.

4.4.5 Episódio 25: fontes e episódio

A partir de agora realizaremos a análise do episódio 25 a partir dos critérios estabelecidos (fontes, fontes de apuração, mapa de edição, espaços de opinião e uso de trilhas e efeitos sonoros). Este episódio é o primeiro da parte 5 e também o último publicado até o fechamento deste trabalho. É também um dos mais longos da quarta temporada do Projeto Humanos, tendo 141 minutos de duração.

4.4.5.1 As fontes do episódio 25

O episódio 25 representa uma reviravolta no caso Evandro, sendo elementar na compreensão das alegações de tortura e sobre as questões que não tinham respostas até o momento. E é por este motivo que o *host* do podcast utiliza muitas fontes para delinear o assunto, mas também para se retratar sobre questões errôneas expostas em outros episódios. Ao total, 12 fontes compõem este episódio e podemos classificá-las da seguinte forma:

Quadro 19 — Fontes do episódio 25

Fontes primárias	Fontes secundárias
Oswaldo Marcineiro (leitor de búzios e um dos acusados pela morte de Evandro Ramos Caetano)	Leila Bertolini (Delegada do Grupo TIGRE)
Diógenes Caetano dos Santos Filho (primo de Evandro Ramos Caetano)	Carlos Roberto Dal'col (promotor e testemunha de acusação nos júris)
Valdir Copetti Neves (Capitão do Grupo ÁGUIA)	Moacir Favetti (secretário de segurança pública do Paraná em 1992)
Vicente de Paula Ferreira (pai-de-santo e	Gladimir Nascimento (jornalista)

um dos acusados pela morte de Evandro Ramos Caetano)	
Davi dos Santos Soares (artesão de Guaratuba e um dos acusados pela morte de Evandro Ramos Caetano)	Silvio Bonone (advogado da prefeitura de Guaratuba)
Beatriz Abagge (filha do prefeito Aldo Abagge e uma das acusadas pela morte de Evandro Ramos Caetano)	X
Anésia Edith Kowalski (juíza da comarca de Guaratuba durante o caso Evandro)	X

Fonte: Elaborado pela autora.

Há praticamente uma igualdade no uso de fontes primárias e secundárias. Das sete fontes primárias, quatro são os acusados pelo caso, o que expressa uma preocupação do *host* do podcast em utilizar a multiplicidade de vozes acerca do caso. As outras cinco fontes são fundamentais na construção do episódio por apresentarem o contexto das acusações.

4.4.5.2 Fontes de apuração do episódio 25

A forma de apuração deste episódio foi um pouco distinta das demais, já que Ivan recebeu uma fita exclusiva de uma fonte que optou pelo sigilo. Esta fita, até o momento, não constava nos autos dos processos e também não tinha sido utilizada nos julgamentos de 2004 e 2005 e aparenta ser a fita original, sem cortes. Além deste material exclusivo, o *host* não realizou nenhuma entrevista, mas recuperou alguns materiais veiculados pela imprensa na época.

Quadro 20 – Fontes de apuração do episódio 25

Declarações e depoimentos retirados de arquivos	Declarações em veículos e espaços de jornalismo (recuperados)	Entrevistas feitas pelo <i>host</i> do podcast
Oswaldo Marcineiro (acusado)	Anésia Edith Kowalski (juíza)	X
Diógenes Caetano dos Santos Filho (primo de Evandro)	X	X

Valdir Copetti Neves (Capitão do Grupo ÁGUIA)	X	X
Vicente de Paula Ferreira (acusado)	X	X
Leila Bertolini (delegada)	X	X
Carlos Roberto Dal'col (promotor)	X	X
Moacir Favetti (secretário de segurança pública)	X	X
Davi dos Santos Soares (acusado)	X	X
Beatriz Abagge (acusada)	X	X
Silvio Bonone (advogado)	X	X
Gladimir Nascimento (jornalista)	X	X
Total: 11	Total: 01	Total: 00

Fonte: Elaborado pela autora.

Embora tenha conteúdos exclusivos e a leitura de uma nota publicada pela imprensa da juíza da comarca de Guaratuba, Anésia Edith Kowalski, Ivan novamente faz uma recuperação de trechos do julgamento e de fitas VHS anexadas nos arquivos judiciais. Cerca de 40% do episódio são destinados para a reprodução deste apanhado de declarações.

4.4.5.3 Mapa de edição do episódio 25

O *host* do podcast abre o episódio com um recado sobre a produção dos próximos episódios, recapitulando o episódio anterior e apresentando o Projeto Humanos, reforçando a necessidade de ouvir todos os episódios na sequência. Para a contextualização de personagens, fatos, locais e também para correção de informações, Ivan destina mais de 38 minutos do episódio, o que representa quase 27% do tempo total. Para a leitura de trechos de depoimentos e matérias jornalísticas são consumidos cerca de 13min30seg.

Oswaldo Marcineiro é a fonte com maior espaço neste episódio, ocupando cerca de 17% do episódio. Já trechos recuperados de julgamentos e fitas VHS dos outros acusados De Paula, Davi

e Beatriz, somados, representam aproximadamente 10% do episódio, enquanto sozinho, Diógenes Caetano dos Santos Filho, representa quase 8% do tempo, somando mais 10 minutos de sonoras dos julgamentos de 2004 e 2005.

O final consome cerca aproximadamente 4min40seg e faz uma apresentação do que o próximo episódio irá contemplar e informações sobre o Projeto Humanos.

Quadro 21 – Mapa de edição do vigésimo quinto episódio

Etapas	Tempo
Recado inicial do <i>host</i> do podcast	Início, consome cerca de 38 segundos
Retomada dos episódios anteriores	Início, consome cerca de 1min30seg
Trilha de abertura com apresentação do Projeto Humanos	Início, consome em média 33 segundos
Apresentação do <i>host</i> do podcast	Início, consome cerca de 14 segundos
Contextualização do <i>host</i> do podcast	Durante todo o episódio, consome cerca de 38min30seg
Trechos de depoimento de Osvaldo Marcineiro	Cerca de 23min37seg
Leitura de depoimento de Leila Bertolini	Cerca de 2 minutos
Trecho de depoimento de Dal'col	Em média 1min35seg
Leitura de depoimento de Osvaldo Marcineiro	Em média 1 minuto
Leitura de matérias de Mônica Santana veiculadas na época	Aproximadamente 6 minutos
Leitura de nota da juíza Anésia da comarca de Guaratuba publicada na imprensa	Cerca de 30 segundos
Trechos do depoimento de Diógenes Caetano	Aproximadamente 10min40seg
Leitura de depoimento de Valdir Copetti Neves	Aproximadamente 1 minuto
Leitura de depoimento de Favetti	Aproximadamente 35 segundos
Leitura de depoimento de Gladimir Nascimento	Cerca de 1min46seg
Trechos de depoimento de Vicente de Paula	Cerca de 6min20seg
Trechos de depoimento de Davi dos Santos	Aproximadamente 3 minutos

Trechos de declarações de Beatriz Abagge	Aproximadamente 5min24seg
Leitura de depoimento de Bonone	Ao final, consome 38 segundos
Apresentação do próximo episódio	Ao final, consome cerca de 1min40seg
Apresentação do Projeto Humanos	Ao final, consome cerca de 3 minutos

Fonte: Elaborado pela autora.

Como visto, o *host* do podcast destina um largo espaço para a contextualização dos fatos, assim como para a reprodução dos depoimentos dos envolvidos no caso. Este episódio também conta com um grande número de conteúdos não-sonoros, por isso Ivan recorre para a leitura dos materiais escritos nos arquivos judiciais e jornalísticos.

4.4.5.4 A opinião no episódio 25

A opinião do *host* aparece em cerca de 16% do tempo do episódio. Em diversos momentos, o locutor faz uma avaliação das suas concepções antes de ouvir as fitas não anexadas no inquérito, expressa o que o incomoda sobre o caso Leandro e o caso Evandro e faz suposições do que pode ter acontecido para que os acusados tenham confessados os crimes. Ao fim do episódio Ivan fala sobre a exposição da sua opinião:

Eu estou longe de achar que a família Abagge foi uma santa durante todo esse processo, assim como outros personagens aqui citados. [...] Mas essas fitas mudaram tudo pra mim. Se antes eu tinha alguma dúvida que eles podiam ser inocentes, todas elas se foram. Essas pessoas foram torturadas e perderam ano de suas vidas. [...] Eu havia prometido que só daria minha opinião depois do fim da história. Mas tudo mudou depois dessas feitas. Eu precisei me adiantar e não podia segurar mais essa informação. Eu não sei quem são as vozes naquelas fitas, eu não sei quem são os policiais, os interrogadores, os torturadores. (MIZANZUK, 2020)

Quadro 22 – Os espaços de opinião no vigésimo quinto episódio

Tempo	Opinião
Cerca de 1min16seg	Sobre os fatores que mais chamam atenção no processo das alegações de tortura
Cerca de 15 segundos	Questionamento sobre as divergências de horários e locais das gravações Osvaldo Marcineiro aparece
Aproximadamente 28 segundos	Fatores que chamam atenção sobre as confissões

	de Osvaldo e Davi
Aproximadamente 4 minutos	As questões que mais espantam acerca do inquérito de alegações de tortura e confissões
Aproximadamente 30 segundos	Percepção sobre a tese da defesa
Cerca de 14 segundos	Sobre a participação e a confissão de Osvaldo Marcineiro
Cerca de 27 segundos	Em relação ao desaparecimento de Leandro Bossi confessado por Osvaldo Marcineiro
Cerca de 12 segundos	Percepção do <i>host</i> sobre o depoimento de Valdir Copetti Neves
Cerca de 30 segundos	Sobre o depoimento de Gladimir Nascimento
Em média 42 segundos	A veracidade das informações de Diógenes e sobre as fitas das confissões
Aproximadamente 1 minuto	A veracidade da confissão de Osvaldo e sobre as supostas torturas que ele havia sofrido
Aproximadamente 30 segundos	Concepções pessoais sobre as torturas
Pouco mais de 1 minuto	Sua impressão sobre o acerca da confissão dos nomes
Pouco mais de 1 minuto	Sobre as confissões dos envolvidos
Cerca de 30 de segundos	Sobre a participação de Cristofolini
Cerca de 40 segundos	Em relação às declarações de Davi sobre o caso de Guilherme Tiburtius
Aproximadamente 3min44seg	Sobre a nova versão expostas nas fitas, hipóteses sobre as confissões das Abagges e edições das fitas
Aproximadamente 12 segundos	Sobre a possível ameaça que Beatriz sofreu
Pouco mais de 1 minuto	Afirmando que Beatriz e Celina estavam inventando e o quão os trechos o impactam
Aproximadamente 2min40seg	Sobre a família Abagge e sobre as dúvidas acerca dos envolvidos no caso e as alegações de tortura

Fonte: Elaborado pela autora.

4.4.5.5 Trilhas e efeitos sonoros do episódio 25

No total, foram empregadas seis trilhas que evocam drama, suspense e mistério. A primeira, que se repete ao final, é responsável por criar uma expectativa no ouvinte, por isso, destaca-se um tom de dramaticidade, característica predominante em todo o episódio. A segunda surge próxima dos 13 minutos, e é utilizada para trazer o tom de suspense acerca das confissões de Osvaldo Marcineiro. A mesma se repete com diferentes tons em outros 11 momentos.

No minuto 14 é utilizada uma trilha para iniciar a contextualização dos fatos e organizá-los em uma linha do tempo. Para evocar dramaticidade, duas trilhas distintas são utilizadas após declarações impactantes, revisão de informações e leitura de conteúdos jornalísticos. Para evocar mistério uma trilha é utilizada no minuto 31, repetindo-se em outros momentos ao longo do episódio.

Este episódio apresenta uma inovação nos efeitos sonoros. Além do efeito de vento, utilizado para a transição nas linhas do tempo e contextualização, Ivan utiliza um efeito que remete a uma novela antiga, com o efeito de uma máquina de escrever para descrever os "Atos" dentro do episódio.

4.5 O QUE OS DADOS NOS PERMITEM INFERIR

A partir dos dados coletados em análise a partir das categorias definidas (fontes, fontes de apuração, mapa de edição, espaços de opinião e trilhas e efeitos sonoros), agora compreenderemos de que forma as características se cruzam e como elas convergem de episódio em episódio.

Nos cinco episódios analisados, foi possível concluir que o *host* do podcast utiliza 32 fontes primárias e 22 fontes secundárias, ou seja, embora há uma preocupação em utilizar fontes que tem relação direta com o caso Evandro, há também o uso de muitas fontes que ajudam na contextualização, auxiliando com informações acerca do assunto, percepções pessoais e dados sobre o cenário da época. É possível notar que duas fontes se repetem em quase todos os episódios analisados: Osvaldo Marcineiro, um dos acusados pela morte de Evandro Ramos Caetano, e Diógenes Caetano dos Santos Filho, primo de Evandro - este último cedeu entrevistas para Ivan Mizanzuk, tendo uma fala bastante polêmica em relação ao assunto.

Referente a apuração, foram realizadas apenas 10 entrevistas exclusivas com as fontes, enquanto 7 declarações das fontes foram retiradas de espaços jornalísticos da época. No total, 34 fontes tiveram suas declarações recuperadas de arquivos documentais como auto de processos,

inquéritos, depoimentos judiciais, fitas VHS anexadas e não anexadas, entre outros.

Quanto a edição dos conteúdos, nota-se que em 4 dos 5 episódios analisados repete-se uma estrutura comum: recado inicial do *host* do podcast sobre a produção dos próximos episódios (visto que os episódios em questão representam o fechamento de uma parte da temporada), retomada dos episódios anteriores com declarações das fontes que participaram dos demais episódios desta parte, trilha de abertura, apresentação do Caso Evandro e do *host* e reforço da mensagem que é imprescindível ouvir os episódios em sequência, conteúdos e, por fim, apresentação dos próximos episódios com sonoras de fontes e uma explicação sobre o Projeto Humanos e como colaborar financeiramente para o prosseguimento do podcast. No único episódio que esta estrutura não segue exatamente igual (episódio 12), não há o recado inicial e a abertura já inicia com a trilha, seguindo para a retomada dos episódios e a apresentação.

Em todos os episódios há destinação de um espaço bastante semelhante para a contextualização dos fatos, cenários, locais e personagens, destinando uma média de 26% do tempo total para esta questão:

Quadro 23 – Espaços de contextualização geral dos episódios

Episódio	Percentual de espaços de contextualização
Episódio 06	18%
Episódio 12	18%
Episódio 16	27%
Episódio 24	16%
Episódio 25	27%

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda relacionado sobre a edição, o *host* do podcast utiliza em média 38% dos episódios para recuperar materiais retirados de arquivos documentais (inquéritos, autos de processos, depoimentos oficiais, fitas anexadas e não anexadas). Já para as entrevistas exclusivas, realizadas por ele, a média é um pouco mais baixa: 17%. Para a recuperação de conteúdos de espaços jornalísticos da época, Ivan destina uma média de 6% dos episódios.

Quadro 24 – Percentuais de utilização de arquivos documentais, jornalísticos e exclusivos

Episódio	Documentais	Jornalísticos	Exclusivos
Episódio 06	21%	12%	22%
Episódio 12	52%	4,6%	0%
Episódio 16	42%	7,4%	0%
Episódio 24	04%	1,3%	60%
Episódio 25	40%	4,3%	0%

Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre os espaços de opinião, Ivan destina em média 10% do tempo dos episódios para expressar suas concepções pessoais em relação ao caso. Em alguns momentos, Ivan se exime de responsabilidade, utilizando termo como "sou leigo nisso tudo, mas", "é somente uma especulação minha" e "deixo que vocês tirem suas próprias conclusões". Este dado é bastante significativo, visto a preocupação do *host* do podcast em sempre reforçar a ideia de que o conteúdo não continha opinião.

Quadro 25 – Espaços de opinião geral nos episódios

Episódio	Percentuais de espaços de opinião
Episódio 06	06%
Episódio 12	10%
Episódio 16	14%
Episódio 24	04%
Episódio 25	16%

Fonte: Elaborado pela autora.

Ponderando a utilização de trilhas²³ e efeitos sonoros, há semelhanças em praticamente todos os episódios analisados, visto que há a padronização de trilhas de abertura e fechamento,

²³ Trilha sonora disponível em: <https://felipeayres.bandcamp.com/album/o-caso-evandro-projeto-humanos-ost>. Acesso em 11 jun. 2020.

sendo as demais responsáveis por evocar as seguintes sensações: mistério, drama e suspense. É válido destacar que, embora haja trilhas distintas no episódio, elas possuem quase sempre o mesmo objetivo de emocionar, fazer refletir, sentir medo e compreender o quão misterioso é o caso.

Avaliando todas as características de narrativa e construção, percebe-se que a quarta temporada do Projeto Humanos pode ser definida como um radiodocumentário, mesmo que não esteja inserido diretamente no contexto radiofônico e não esteja submetido a uma linguagem de emissora específica, mas faz uso de uma multiplicidade de vozes, descrição detalhada de cenários, personagens e contextos, conduzindo a narrativa de forma fluida. Utilizando a definição de José (2003, p. 8) sobre os documentários radiofônicos, é perceptível que o *host* deste podcast “envolve-se com vários “quens” como representantes dos muitos e variados pontos de vista do mesmo o quê”. Ou seja, neste caso, as diversas fontes, com suas diversas percepções, apresentam suas justificativas, declarações e testemunhos sobre a morte do menino Evandro Ramos Caetano.

Afunilando ainda mais as definições do Caso Evandro, levando em conta a definição de Vilas Boas sobre interpretação – “dar a informação sem opinar, expondo ao leitor o quadro completo de uma situação atual” – não podemos enquadrá-lo como um gênero interpretativo, como defende Ferraretto (2000), já que vimos em análise que Ivan esboça sua opinião em diversos momentos, embora dê ao ouvinte um quadro completo sobre o caso.

Obviamente todo o processo jornalístico necessita de pesquisa, contudo, foi possível notar que a apuração para a produção e edição do podcast representa quase 44% de recuperação de conteúdos já disponíveis, enquanto 17% foram de esforços de reportagem. Isto torna nítido que o Caso Evandro é um produto jornalístico, mas que apresenta lacunas de entrevistas exclusivas, in loco, coletados diretamente com as fontes que, contudo, não prejudicam a qualidade do produto.

A história de Evandro Ramos Caetano é terreno fértil para a construção de uma narrativa atrativa e instigante. Além de informar e esclarecer o caso, o podcast é um seguidor das técnicas de *storytelling* que, para o próprio criador do Projeto Humanos, serve para tornar as histórias melhores e para planejar todos os elementos da narrativa. A sedução, o convite para cativar o público, a valorização do ambiente e dos personagens e um final envolvente são os principais elementos na construção de uma boa história e isso o Caso Evandro possui em todos os episódios, não somente nos analisados. Contudo, é notório que de “contação de histórias”, como a definição

do termo sugere, há poucos momentos dentro dos episódios selecionados, já que a média de contextualização, ou seja, de tempo que o *host* do podcast destina para falar sobre as histórias, é de 26%. É visto que quem de fato conta as histórias são as próprias fontes e que são elas, a partir dos seus relatos e depoimentos, que fazem com que a narrativa se torne cativante e atraente.

Embora o *host* do podcast não seja jornalista por formação, o conteúdo elaborado por ele apresenta elementos jornalísticos, como entrevistas, apuração, verificação e possui um compromisso com o público de informar, esclarecer, elucidar questões esquecidas, ouvir fontes (mesmo que estas apresentem posições adversas) e manter a lealdade com o público (o *host* optou por se desculpar por informações equivocadas, ao invés de ocultar os novos materiais que causaram uma reviravolta em tudo que há havia sido produzido). Mesmo que o processo de edição seja repleto de resgate de conteúdos, há um empenho em cumprir o papel de estruturar uma história que já havia sido esquecida, dentro de um formato nobre, em uma mídia em crescimento. Obviamente estes elementos sozinhos não explicam o sucesso do Projeto Humanos, mas somados ao pioneirismo de podcast documental e o tempo de dedicação do *host* nos dão pistas para compreender sua popularidade e a forma com que é produzido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que os podcasts vivem um período de ascensão no Brasil e que estão cada vez mais presentes nas emissoras tradicionais. Contudo, nota-se uma grande produção de produtos independentes, de diversos assuntos, em diversificados formatos. Os formatos extintos ou exauridos, como radiodocumentários e radionovelas, foram adaptados por essa plataforma que elabora os conteúdos para ser consumidos de forma assíncrona e on-line.

A multiplicidade de vozes e as descrições detalhadas que os documentários radiofônicos possuíam cederam lugar a instantaneidade de boletins noticiosos e a preocupação de fazer narrativas atrativas praticamente desapareceram das mídias tradicionais. E é usufruindo de técnicas como o *storytelling*, que defende a construção de um enredo envolvente, com personagens interessantes e com ambientes relevantes, que o Projeto Humanos se destacou na web, se tornando um dos podcasts documentais mais populares do Brasil.

Os mais de 4 milhões de downloads do Caso Evandro podem ser justificados, ao menos parcialmente, pelo empenho de Ivan Mizanzuk em reviver uma história de tamanha relevância no Estado do Paraná que já havia caído no esquecimento, mas que possui elementos muito instigantes. Ao contextualizar o caso, apurar documentos, declarações, depoimentos e fitas, o *host* do podcast mostra preocupação com todos os elementos jornalísticos que norteiam o formato da narrativa.

Durante a análise de conteúdo de cinco episódios selecionados, foi possível perceber que, embora Ivan se exima de responsabilidade e afirme que este conteúdo não contém opiniões, ele expressa nitidamente suas concepções e impressões pessoais, podendo – ou não – induzir o ouvinte a pensar da mesma maneira. Embora contenha espaços de opiniões bem delimitados, a autora acredita que o podcast pode ser definido como um radiodocumentário interpretativo, já que com a infinidade de visões expostas pelo *host*, cada um pode interpretar o caso de uma forma e concluir sobre quem são os culpados.

É possível notar que Ivan utiliza com bastante destaque as entrevistas produzidas por ele, por isso Diógenes Caetano dos Santos Filho aparece em grande parte dos episódios. Apesar de haver uma infinidade de fontes e uma apuração detalhada, elementos essenciais na construção de um documentário, grande parte das fontes utilizadas na narrativa são retiradas dos arquivos

documentais, o que mostra um trabalho reduzido de entrevistas e reportagem de campo, como costumeiramente se preconiza no jornalismo diário em rádio.

Contudo, foi possível concluir que, apesar do Caso Evandro fazer um resgate daquilo que estava arquivado e que jamais havia sido utilizado por outras mídias em outros momentos, não somente quando aconteceu, a quarta temporada do Projeto Humanos é legitimamente um material jornalístico, preocupado em elucidar um caso e levantar questões importantes que foram omitidas pela imprensa na época. A narrativa em profundidade proporciona ao *host* uma liberdade em produzir episódios extensos, completos e pertinentes, sem o receio de um prazo para ir ao ar. Estes elementos contribuem para reforçar o grande trabalho de apuração, cruzamento de dados e informações e edição desenvolvido pelo produtor do projeto. Quanto a opinião presente em alguns momentos em menor escala, ela é apresentada como um ponto de vista, não necessariamente como algo que torna a narrativa exclusivamente opinativa.

Esta pesquisa se limitou a compreender as características presentes a partir de cinco categorias definidas, porém haveria diversos elementos a serem analisados para que chegássemos em outras conclusões. É de extrema relevância que estudos de jornalismo debruçem suas pesquisas sob este fenômeno, visto o baixo número de bibliografias sobre o assunto e a larga possibilidade que este meio possibilita para a criação de narrativas em profundidade que os veículos tradicionais não abrangem mais.

REFERÊNCIAS

ADIFA, Marcelo. **Storytelling e a Jornada do Herói**: Comunicação, Marketing e Estratégias de Texto. e-Book Kindle. 2019.

ASSIS, Pablo de. LUIZ, Lúcio. **O Podcast no Brasil e no Mundo**: um caminho para a distribuição de mídias digitais. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Caxias do Sul, 2010.

ASSIS, Pablo de. O Feed e a Fidelização do Podovinte. In: LUIZ, Lucio (org.). Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2014.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BARBOSA, Isabela Cabral. **Jornalismo narrativo em podcast**: uma análise da linguagem, da mídia e do cenário. 2015. 71 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CASTRO, Gisela G. S. (2005). **“Podcasting e consumo cultural”**. E-Compós. Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, edição 5.

CHANTLER, Paul e HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. SP: Summus. 1998.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da; MANTELLO, Paulo Francisco. **Era uma vez a notícia**: *Storytelling* como técnica de textos jornalísticos. Revista Comunicação Midiática, Bauru, v. 9, n. 2, p. 56-67, 2014.

DETONI, Márcia. **A Volta do Narrador**. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Belém, 2019.

DOMINGOS, Adenil Alfeu. **Storytelling**: Fenômeno da Era da Liqueidez. Signum: Estudos de Linguagem, Londrina, v. 1, n. 11, p.93-109, jul. 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra e Luzzatto, 2000.

_____, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

FRANCO, D. Podcast. In: SPYER, J. (Org). **Para entender a internet**: noções, práticas e desafios da comunicação em rede. São Paulo, Ebook, 2009.

FREIRE, Gabriel Ribeiro. **Ideias sem fio**: um panorama sobre podcasts no brasil. 2015. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2015.

GEOGHEGAN, Michael; KLASS, Dan. **Podcast Solutions**: the complete guide to audio and video

podcasting. 2. ed. Berkeley: Friends Of Ed, 2007.

GREEN, Ben. **Podcast Master**. Londres: Canelo, 2015.

HERSCHMANN, Micael. KISCHINHEVSKY, Marcelo. **A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento**. Anais do XVI COMPÓS dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós. Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_263.pdf>

JOSÉ, Carmen Lúcia. **História oral e documentário radiofônico: distinções e convergências**. Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Belo Horizonte, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Storytelling em plataforma impressa e digital: contribuição potencial do jornalismo literário**. Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas - ORGANICOM. São Paulo, 2014.

LOPES, Leo. **Podcast: guia básico**. Nova Iguaçu: MARSUPIAL EDITORA, 2015.

LUIZ, Lucio (org.). **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005.

PALACIOS, Fernando; TERENCEZZO, Martha. **O guia completo do Storytelling**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas, exercícios**. São Paulo. Publifolha, 2009.

PRIMO, Alex. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-23, julho/dezembro 2005.

SCARTOZZONI, Bruno. **Como o storytelling pode ajudar jornalistas e profissionais de RP?** LinkedIn, 2016. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/como-o-storytelling-pode-ajudar-jornalistas-e-de-rp-bruno-scartozzoni>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SOUTO, Jéssica Bazzo; CAETANO, Marcia Mariano Raduam. **O gênero documentário no rádio**. Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Intercom, Campo Grande, 2012.

TENORIO, Iván. **Podcast: manual del podcaster**. Spanish: Marcombo; Edição: 1 Ed., 2009

VICENTE, Eduardo. **Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio**. In: [S.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002906541.pdf>

XAVIER, Adilson. *Storytelling*: histórias que deixam marcas. Rio de Janeiro: Best Business, 2015.

ANEXOS

Ivan Mizanzuk é professor universitário de Curitiba-PR. É co-autor do livro *Existe Design?*, autor do romance de terror *Até o Fim da Queda*, já publicou alguns textos no portal B9, dá cursos de *storytelling*. É idealizador dos podcasts AntiCast e Projeto Humanos, um podcast que busca explorar um formato ainda pouco explorado no Brasil, o *storytelling*, popularmente utilizado em podcasts dos EUA, tais como Radiolab, This American Life e Serial. É como se fosse um documentário em formato de áudio e distribuído na internet. Aproxima-se de práticas conhecidas no país como jornalismo narrativo e/ou literário.

Transcrição da entrevista com o produtor do Caso Evandro e criador do Projeto Humano, Ivan Mizanzuk, realizada no dia 19 de março de 2020:

Como você define *storytelling*? Acredita que esse termo é mais publicitário, já que o jornalismo sempre contou histórias?

O jornalismo, sim, sempre contou histórias, mas no Brasil o termo *storytelling* entrou primeiro nas agências de publicidade, então era muito lá o lance de fazer uma campanha *storytelling* enquanto você olhar a literatura em língua inglesa você vai ver que nos Estados Unidos, Inglaterra, Reino Unido, o *storytelling* é contar uma história independente da mídia. Então você ser um storyteller é ser um contador de histórias, você pode ser um contador de história como um bom cineasta, escritor, podcaster, vai longe.... Então, independente da mídia o *storytelling* é isso. Da maneira como eu entendo e trabalho de acordo com alguns autores que eu sigo e também podcaster, eu entendo o *storytelling* como uma junção de técnicas que servem para tornar histórias melhores, como planejar uma história, desde coisas bem básicas como definição de perfil de personagens, do que chama também de microcélulas de ação. Eu entendo como o estudo de técnicas para se contar melhor histórias, para tornar as histórias mais afetivas, são métodos. E daí isso pode estar na publicidade, pode estar no jornalismo, pode estar em vários lugares. Agora dito isso, no Brasil em específico, jornalismo narrativo, que seria uma tradução para o *storytelling*, ele não é uma coisa muito comum da maneira como eu trabalho. Nós temos grandes escritores que fizeram isso, como Daniela Arbex, Clecia Cavalcante, não é uma área muito desenvolvida ainda como nos EUA, por

exemplo, já que isso é muito específico deles. A Piauí usa muito *storytelling*, mas são poucos os espaços que utilizam essa técnica. E isso se reflete nos podcasts e programas de rádios, também no Brasil em que a forma de se contar histórias, às vezes era do jornalista ter essa vontade, usando técnicas que eles desenvolviam que ele tirava da literatura, mas que não necessariamente vinha de uma prática narrativa jornalística.

Você consome podcasts? Quais? Em qual se inspirou? E rádio, escuta? Escutava antes?

Consumo, mas hoje consumo menos e isso é normal, já que na medida que você vai produzindo mais você vai deixando de ouvir outros, mas hoje em dia eu gosto muito e continuo ouvindo o Xadrez Verbal, Mundo Freak, gosto muito dos gringos que mais me inspiraram, que é o This American Life, Radiolab, aí os derivados desses "caras" que foi o Serial, More Perfect, Startup, Reply All, um dos programas mais geniais que foram feitos em podcast... Rádio, hoje eu escuto mais que antigamente, eu escuto muita música na rádio, aqui em Curitiba nós temos a Mundo Livre FM que toca bastante música legal e escuto quando saio um pouquinho desse mundo de podcast. O ano passado e esse ano eu tenho ouvido muito mais músicas que nos anos passados, antes era só podcast, podcast, mas a gente dá uma cansada e agora eu to curtindo mais. Além da Mundo Livre FM, eu curto a Band News Fm. E eu tenho um carinho muito grande, mas faz tempo que não ouço, por futebol narrado no rádio.

Sobre o Projeto Humanos: como surgiu a ideia? Por que fazer um podcast *storytelling* no Brasil sobre uma história tão antiga?

Em 2014 teve o Serial que estourou nos Estados Unidos, é um podcast derivado do This American Life, e daí foi o podcast que a gente diz que mudou a cara do podcast nos Estados Unidos. Já fazia tempo que eu queria fazer alguma coisa aqui também nesse esquema, eu gostava de escrever, 2014 foi o ano que eu publiquei livro também, então sempre gostei de escrever, de estudar narrativa e gostava de fazer podcast. Então tentei juntar duas coisas que eu gosto: contar histórias no podcast. Daí comecei estudar algumas técnicas e aí foi o início do Projeto Humanos. Tanto que o nome é Projeto porque o podcast era para se chamar Humanos, já que era um projeto, mas acabei

gostando do nome e deixei assim. Eu achava que não tinha nenhum podcast nesse sentido e nesse formato, com a pauta que eu queria, que era de assuntos mais atuais, e de certa forma já existia o Escriba Café, um dos primeiros podcasts do Brasil que já fazia uma coisa meio narrativa também, mas ele fazia de várias histórias, tipo histórias do Leonardo Da Vinci, histórias da Primeira Guerra, e eu queria fazer uma coisa mais centrada, que chama de microhistória, focar em uma pessoa, em um evento, muito específico, alguma coisa que aconteceu ali entorno dessas pessoas, era outra proposta. Então eu achava que ninguém estava fazendo isso no Brasil e eu fui tentar fazer porque achava que tinha espaço pra fazer isso, já que nos Estados Unidos é o que estava chamando a atenção, então em algum momento isso iria chamar a atenção aqui. Eu comecei em 2015 o Projeto Humanos e usei a primeira temporada como um piloto, usei a história do meu pai, daí a primeira história foi sobre uma sobrevivente do holocausto, a segunda temporada já foi de um assunto super recente na época que era a crise de refugiados sírios e conflitos no Oriente Médio, e eu queria trabalhar com algum caso criminal e o Caso de Guaratuba era um caso que me marcou quando eu era criança, então eu fiquei interessado em fazer. Eu queria fazer um caso criminal porque era o que o Serial tinha feito e eu achei que precisava ser feito de alguma maneira um pouco mais diferente da maneira que o Caso Evandro foi coberto, como a imprensa cobriu esse caso, durante tanto tempo.

Por que o Caso Evandro? Achou que teria toda essa repercussão?

Sim, eu sabia ia ter bastante repercussão porque é um caso interessante, só que como eu sempre digo: uma coisa é você saber que vai ter repercussão, outra coisa é você viver isso. Eu sabia que ia ter um certo sucesso porque não era a primeira vez que estava fazendo podcast *storytelling*, era minha quarta temporada. Agora nesta quarta era uma grande história, um caso criminal, que envolve questão de suspeita de magia negra, questões políticas, questões jurídicas, então eu sabia que ia ser uma história que tinha muito potencial pra prender e chamar bastante atenção. Era um caso que me fascinava desde criança já que tinha a ideia de que podiam ter bruxas em Guaratuba e coisa assim, que era a praia que eu ia quando era criança. Isso me marcou bastante. Eu costumo dizer que eu tento entender a história do Caso Evandro porque eu sempre ouvi essa história das "Bruxas de Guaratuba" e quando eu era criança eu tinha medo de sequestro e de crianças

desaparecidas, rituais de magia negra, então foi um jeito de me fazer lidar com o meu "próprio demônio".

Quais os cuidados que tu teve com a apuração?

Como o caso é muito complexo a apuração toda se dá muito pela leitura dos autos [*de processos*], então era normal eu ter uma informação que alguém me passou em alguma entrevista, daí depois, meses depois, continuava sentado lendo os autos e percebo que uma pessoa mentiu pra mim ou que está desinformado. Acontece. Então quando isso acontecia muitas vezes eu tinha que usar algum recurso narrativo de colocar o que a pessoa fala na vez que falou comigo, mas também o que falou em outros momentos do processo, e aí apresento os elementos que vão contra o que ela quer dizer e como isso influenciou no julgamento. Muitas vezes eu tenho que parar de querer achar o que realmente aconteceu porque o caso é muito antigo e muita coisa já se perdeu, então só tem os registros, e eu tenho que deixar isso um pouco de lado e só dizer "isso aconteceu, essa pessoa foi contra e o resultado foi tal". E aí, claro, no que eu puder eu tento verificar a veracidade de uma coisa ou outra dentro dos limites possíveis.

Quais são as características do podcast? Tu encontra elementos de convergência com o rádio?

Podcast é uma mídia sonora via feed. Essa é a definição técnica. Mas eu gosto de dizer que é uma rádio pela internet, mas tem gente que não gosta dessa definição porque rádio, por exemplo, você não pode dar "pause" e podcast, sim, inclusive você pode avançar, ouvir outra coisa, tipo um rádio on demand. Eu acho que tem convergência, sim, os dois são muito apoiados em questão de saber construir imagens mentais, passar certas informações para o público, mas ao mesmo tempo o rádio tem toda uma "cara mais formal", enquanto que o podcast, na minha impressão, tem mais liberdade em muita coisa. Se a gente for buscar semelhanças, os podcasts estariam mais próximas das rádios AM de interior, com qualidade de som não muito boa, com radialistas que faziam isso na força de vontade, rádios comunitárias.

Pra ti, qual a diferença de documentário e reportagem?

Eu não gosto de ser muito técnico nessas questões, apesar de ser professor universitário. Como eu não sou da área do jornalismo, do rádio, eu só produzo podcast, tentando fazer uma coisa que eu gosto e que meus heróis fazem também. Eu imagino que o documentário a opinião da pessoa que está produzindo é mais explícita, tá lidando com um fato real, e a pessoa que produz tem uma visão mais clara da moldura da visão de mundo que se tem, ela deixa isso mais evidente, a mensagem que quer passar, enquanto que uma reportagem ela se esconde atrás de uma noção muito ruim de uma imparcialidade. Eu digo isso porque eu entendo que não existe imparcialidade nenhuma, sem você deixar claro qual que é tua posição sobre muita coisa só pelas palavras que você usa. Uma reportagem ela pode ter um esforço maior em tentar colocar contrapontos, então ela não vai ser numa imparcial, mas ela deve buscar a imparcialidade. Daí eu acho que a gente tá valendo de um jornalismo mais honesto nesse sentido; o documentário não necessariamente precisa ter isso. O documentário não precisa querer ser imparcial, ele pode ser super parcial.

Você chegou a mudar a narrativa quando viu os números da audiência crescendo?

Não, tanto que eu sempre produzi o Caso Evandro em ondas, então eu produzi do primeiro ao sexto episódio, depois do sétimo ao décimo quarto, depois do 15 até o 24, daí fiz agora o 25 e preciso terminar os últimos, né? Então nunca foi uma coisa de "oh meu Deus, os números tão bons ou os números estão ruins". Eu conto a história da maneira que ela deve ser contada. Se tem que ser um episódio curto ou longo, se tem que arrastar mais aqui ou acelerar mais ali, eu sigo meu feeling do que essa história, do que essa parte da história necessita e eu vou dar pra ela tudo que ela precisa. Essa é uma vantagem que eu tenho de ser independente, né! Eu posso colocar a minha visão de como a história tem que ser contada nesse trabalho.

Você opina muito durante a narrativa. Considera que isso passa credibilidade ou que aproxima a tua audiência? Por que a opção de dar opinião enquanto conta a história?

Isso tem a ver com o que eu acredito, que não existe jornalismo imparcial. Eu gosto de deixar claro pra minha audiência que eu não trato eles como imbecis, burros, que eu imagino que eles estão tendo muitas dúvidas enquanto eu tô narrando, então eu gosto de falar tudo em primeira pessoa justamente pra que eles entendam que eu tô do lado deles, tô puxando eles, e eu gosto de

construir as dúvidas com eles. Então quando eu me meto na narrativa, eu conto uma coisa e dou minha opinião é porque eu tô externando alguma coisa que eu acho que eles também tão sentindo ou que também tão se perguntando, e aí eu tô dando um material pra eles concordarem ou não comigo, mas isso deixa a história andando, de alguma maneira, na cabeça das pessoas. Então mesmo que a pessoa discorde do que eu falei e me mande depois um e-mail dizendo que não concordou isso ainda assim traz uma dimensão participa pra história que eu acho fundamental.

Quais são as características que você considera mais marcante no Caso Evandro?

O que eu gosto do Caso Evandro não é nem tanto a parte bizarra de quem matou ou tal, eu acho que em todas as minhas histórias eu gosto sempre de imaginar que há uma outra coisa por trás. Então, na primeira temporada eu tô contando a história de uma sobrevivente do holocausto, eu não to contando a história da Lili Jaffe, eu tô contando a história de como funcionava um campo de concentração e como que era uma reconstrução de uma vida familiar depois de uma experiência tão traumática como essa. A segunda temporada que é sobre o Oriente Médio, na época que tava rolando crise de refugiados e Estado Islâmico, não era pra exatamente entender a crise dos refugiados, mas cada episódio dar um pedacinho de um quebra-cabeça maior para a gente entender o que tava acontecendo por lá, naquela parte do mundo há tanto tempo. Então, assim, eu vou contar a história de um brasileiro que tá no Egito, durante a Primavera Árabe, que está lá e que se envolve com uma mulher... Então eu tô contando a história desse cara, mas também eu tô falando sobre a Primavera Árabe. Eu gosto sempre de pensar que eu trabalho com coisas muito pequenininhas: a vida de uma pessoa e como que aquele grande evento marca a vida dela.

No caso do Caso Evandro é um trabalho bastante complexo porque tem muito bastante personagens que tiveram suas vidas drasticamente afetadas por isso, por uma tragédia que foi a morte de uma criança, ao mesmo tempo também a gente começa a aprender - e aqui é o meu foco - como funciona o sistema legal brasileiro. A gente no Brasil não tem tradição de filmes de júri, séries policiais, então eu acho que é uma maneira da gente entender melhor como funciona o nosso próprio sistema. Então o Caso Evandro é a minha tentativa de também tentar fazer o grande público entender como é que funciona essa coisa tão complexa que é o júri, o sistema legal, a polícia e tudo isso.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br